

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MARCELA SANTOS GALVÃO

**O MODELO DE CRESCIMENTO CONDUZIDO PELAS EXPORTAÇÕES
DOS TIGRES ASIÁTICOS: Algumas Lições para o Brasil**

UBERLÂNDIA

2025

MARCELA SANTOS GALVÃO

**O MODELO DE CRESCIMENTO CONDUZIDO PELAS EXPORTAÇÕES
DOS TIGRES ASIÁTICOS: Algumas Lições para o Brasil**

Monografia apresentada ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Jonas Costa da Silva

BANCA EXAMINADORA

Uberlândia, 17 de setembro de 2025

Prof. Dr. Guilherme Jonas Costa da Silva (UFU/IERI)

Prof. Dr. Júlio Fernandes Costa Santos (UFU/IERI)

Prof.^a Dr.^a Sabrina Faria de Queiroz (UFU/IERI)

Prof. Dr. Benito Adelmo Salomão Neto (UFU/IERI)

RESUMO

O presente trabalho analisa o crescimento econômico dos Tigres Asiáticos (Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong e Singapura), contrastando o seu desempenho em relação ao caso brasileiro. É apresentado como a partir de 1970 houve uma dinamização econômica dos Tigres tornando-se importantes países nas dinâmicas produtivas globais. Os resultados obtidos corroboram a interpretação de que as políticas focadas na exportação, investimentos estrangeiros, capacitação da mão de obra e enfoque na industrialização foram cruciais para o distanciamento econômico dos Tigres em relação a outras economias, como o Brasil.

Palavras-chave: Tigres Asiáticos; Economia Internacional; Brasil; Export-led growth

ABSTRACT

The present study analyzes the economic growth of the Asian Tigers (South Korea, Taiwan, Hong Kong, and Singapore), contrasting their performance with the Brazilian case. It is shown how, starting in the 1970s, the Tigers experienced economic dynamism, becoming important players in global productive dynamics. The results support the interpretation that policies focused on exports, foreign investment, workforce training, and an emphasis on industrialization were crucial for the economic divergence of the Tigers in relation to other economies, such as Brazil.

Keywords: Asian Tigers; International Economy; Brazil; Export-led growth

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	6
3. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DOS TIGRES ASIÁTICOS.....	8
3.1 O Desenvolvimento da Coreia do Sul (1960–2020).....	8
3.2 Desenvolvimento econômico de Singapura (1960-2020).....	12
3.3 Desenvolvimento econômico de Hong Kong (1960- 2020).....	15
3.4 Desenvolvimento econômico de Taiwan (1960-2020).....	19
4. A REVOLUÇÃO ECONÔMICA DOS TIGRES ASIÁTICOS E DO BRASIL.....	24
4.1 Crescimento populacional.....	25
4.2 Índice de desenvolvimento humano.....	26
4.3 Investimento em P&D.....	28
4.4 Crescimento do PIB per capita.....	30
4.5 Índice de capital humano.....	32
4.6 Crescimento das exportações e importações.....	33
5. ANÁLISE ECONÔMICA SETORIAL.....	34
5.1 Participação econômica da Coreia do Sul.....	35
5.2 Participação econômica de Hong Kong.....	36
5.3 Participação econômica de Singapura.....	37
5.4 Participação econômica do Brasil.....	38
6. CONCLUSÃO.....	40
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial trouxe ao mundo diversas mudanças nas relações econômicas e dinâmicas de interações globais, caracterizadas pelo aumento de transações transfronteiriças de bens, serviços e capital, impulsionadas pela difusão de tecnologia e informações. Concomitante a esse momento, tem-se o início do período da Guerra Fria, caracterizado por um sistema bipolar onde os Estados Unidos e a União Soviética travavam uma disputa de acordo com os seus ideais políticos e econômicos. Neste cenário de disputa se encontram países, principalmente na Ásia, que seriam palcos físicos das batalhas ideológicas travadas pelas duas potências mundiais.

Portanto, planos de contenção eram implementados por Moscou e Washington, e uma dessas ações caracterizava o Japão como ator principal a atuar na consolidação do capitalismo no Leste Asiático. Desse modo, diversas medidas de investimento foram implementadas no Japão e rapidamente se expandiu para outras nações de interesse americano, como a Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong, e por fim, Singapura. Essas políticas de investimento estrangeiro estadunidense - somadas a outras medidas internas - acabaram por desenvolver essas economias tornando-as importantes atores econômicos globais.

Partindo do cenário apresentado, surge o questionamento a respeito de como esses países do Leste Asiático conseguiram passar de economias agrárias para líderes globais em diversos setores em poucas décadas? Nesse âmbito, entende-se que a chave para o desenvolvimento recente do Leste Asiático foi a industrialização, resultado de um plano de investimento governamental em áreas estratégicas (infraestrutura, logística, educação e capacitação, além de fortalecer a integração com os mercados globais e promover a inovação tecnológica), que permitiu a esses países um desenvolvimento relativamente mais acelerado.

Portanto, o objetivo do trabalho é explorar os métodos de crescimento econômico implementados no Leste Asiático (Coreia do Sul, Taiwan, Singapura e Hong Kong), com o intuito de realizar uma análise capaz de apontar qual foi o diferencial das políticas, investimentos e especializações aplicadas em cada uma dessas nações, que resultou no seu crescimento exponencial econômico em relação aos demais níveis de crescimento econômico globais para a mesma época analisada, em destaque os anos 1960 até meados de 2020.

O método de abordagem utilizado será o hipotético-dedutivo, o qual parte de uma noção geral apresentada a partir da bibliografia utilizada, para aferir a hipótese de que a exportação de produtos industrializados nesses países foi o motor do seu crescimento e desenvolvimento econômico. O método de procedimento será o histórico, tendo em vista o amplo embasamento das bibliografias e dados econômicos que foram analisados para se configurar o trabalho.

As fontes de dados e informações serão coletadas a partir da revisão bibliográfica de autores especialistas na área de economia, como Paulo Gala e Anthony Thirlwall. Sites como Banco Mundial e The Harvard Growth Lab também foram usados. O método de coleta dos dados foi a partir da análise da bibliografia coletada sobre os Tigres Asiáticos em relação aos anos que estes se despontaram como potências industriais, utilizando de bases empíricas para a sua classificação correspondente. Os métodos de análise de dados para a verificação das hipóteses são a partir de gráficos para elucidar as informações inseridas no contexto de desenvolvimentos dos países. Desse modo, busca-se por meio da exposição desses gráficos os resultados empíricos do quanto se foi possível crescer a partir dos incentivos e políticas aplicadas com tal intuito.

Dessa forma, este estudo organiza-se em cinco partes além desta introdução. A segunda seção apresenta o referencial teórico que sustenta a análise proposta. Em seguida, a terceira seção dedica-se ao exame do desenvolvimento econômico dos Tigres Asiáticos, evidenciando os principais fatores que impulsionaram seu crescimento. Na quarta seção, a partir de dados estatísticos representados em gráficos, analisa-se a chamada revolução econômica dos Tigres Asiáticos em comparação ao Brasil. A quinta seção, por sua vez, aprofunda a investigação por meio de uma análise econômica setorial, de modo a conferir maior consistência às discussões previamente apresentadas. Por fim, a última seção reúne as conclusões do estudo, destacando os principais achados e implicações da pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A presente seção tem por objetivo concretizar as bases da pesquisa que serão abordadas no trabalho. Desse modo, as bibliografias adotadas buscam facilitar a compreensão tanto do contexto histórico, quanto do econômico para elucidar o porquê das medidas adotadas em determinado período e como essas os auxiliaram a chegar no resultado que os colocam em posição de novas potências econômicas.

Este trabalho se baseará em fontes bibliográficas que abordam o tema do crescimento econômico do Leste Asiático, para que então seja formulada uma possível caracterização e compreensão do crescimento conduzido pelas exportações, característica dos Tigres Asiáticos - Coreia do Sul, Taiwan, Singapura e Hong Kong -, entre as décadas de 1960 e 2020.

Para contextualização histórica, serão utilizados os trabalhos de Arrighi, Ikeda e Irwan (1993), *The Rise of East-Asia: One Miracle or Many?* Onde os autores usam do teor histórico e econômico para realizar a discussão sobre o despontar econômico do Leste Asiático no contexto global, e compreender que este fenômeno não pode ser interpretado por um viés isolado, mas deve-se compreender que houve a influência do contexto histórico, político e geopolítico na dinâmica do crescimento econômico.

O Segundo autor é Ezra Vogel (1991), com a obra *The Four Little Dragons: The Spread of Industrialization in East-Asia*. O autor usa da abordagem histórica para explicar as particularidades dos quatro Tigres Asiáticos e mostrar qual foi o caminho percorrido para que os países obtivessem seus resultados. Destaca-se como fatores responsáveis pelo sucesso dos quatro atores os três seguintes pontos: a) os investimentos do governo focado na educação de seus civis para desenvolver uma mão de obra extremamente qualificada; b) políticas governamentais que promoviam a exportação e investimento em infraestrutura; e por fim c) o apoio externo, principalmente dos Estados Unidos na tentativa de criar um ambiente geopolítico favorável durante a Guerra Fria.

Posteriormente, no livro *The Rise of "The Rest": Challenges to the West from Late-Industrializing Economies*, Alice Amsden destaca o papel ativo do Estado e das políticas industriais no processo de *catching-up* das economias tardias. A autora argumenta que o sucesso de países como Coreia do Sul, Taiwan e outros não se deveu apenas à abertura de mercados ou à simples inserção no comércio internacional, mas sobretudo à implementação de estratégias estatais que promoveram aprendizado tecnológico, capacitação produtiva e diversificação industrial.

E para fortalecer esse argumento, a obra *Chutando a Escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*, do autor Ha-Joon Chang, faz críticas ao livre-mercado e demonstra que as nações hoje desenvolvidas, em especial da Europa e os Estados Unidos, alcançaram seu progresso econômico por meio de fortes políticas protecionistas, subsídios e intervenção estatal. Assim, Chang evidencia que o desenvolvimento econômico não é resultado apenas das forças de mercado, mas de escolhas

políticas e institucionais estratégicas que garantiram aprendizado tecnológico e fortalecimento produtivo.

Posteriormente, a análise foi enriquecida com contribuições de autores da área econômica, como Anthony Thirlwall (*A Natureza do Crescimento Econômico: Um Referencial Alternativo para Compreender o Desempenho das Nações*, 2002), no qual realiza uma análise das causas, características e limitações do crescimento econômico. O livro emprega a teoria econômica e evidências empíricas para compreender os fatores que impulsionam o crescimento em diferentes países, a citar: i) a demanda efetiva como motor do crescimento; ii) o papel da demanda para os resultados positivos de absorção e produção e iii) as desigualdades como barreiras estruturais ao crescimento. Portanto, nota-se a necessidade para implementar essa bibliografia em função das análises a serem feitas dado os países a serem analisados e suas particularidades.

Por fim, Paulo Gala com a obra (*Complexidade Econômica: Uma Nova Perspectiva para Entender a Antiga Questão da Riqueza das Nações*, 2017), introduz o conceito de complexidade econômica como ferramenta para analisar o desenvolvimento econômico, oferecendo a oportunidade de se discutir sobre as políticas de desenvolvimento econômico e as dificuldades enfrentadas, no contexto dos Tigres Asiáticos, a fim de aprofundar a compreensão dos fenômenos abordados.

3. CRESCIMENTO ECONÔMICO DOS TIGRES ASIÁTICOS

Nesta seção será abordado o contexto histórico dos Tigres Asiáticos, de um período que abrange o início da imposição das políticas sociais e econômicas pelos estados nacionais na década de 1960, até meados de 2020. O intuito é construir uma base de conhecimento sobre as etapas e individualidades de desenvolvimento industrial de cada um dos países, para que em seguida seja possível abordar as características econômicas e industriais de cada nação.

3.1 Desenvolvimento econômico da Coreia do Sul (1960–2020)

O processo de desenvolvimento¹ da Coreia do Sul remonta às décadas de 1960 a 1980, quando o país protagonizou um dos mais expressivos casos de transformação econômica do século XX, passando de um país rural, pobre e devastado pela guerra para uma economia industrializada e exportadora. Esse processo de transformação industrial ficou conhecido como “milagre do Leste Asiático”, sendo resultado de uma combinação única de fatores internos e externos, que teve o Estado como protagonista.

Segundo Amsden (1989), o ponto de partida dessa virada foi a adoção de um modelo de desenvolvimento fortemente intervencionista, no qual o governo sul-coreano implementou planos quinquenais para melhorar o crédito, ampliar os investimentos em infraestrutura e conduzir uma mudança estrutural na economia. Segundo Amsden (1989), um dos grandes objetivos do governo era promover a indústria de eletroeletrônicos, como os setores de semicondutores e computadores, o que foi logrado com a criação de uma zona industrial para a produção de semicondutores e computadores.

Paralelamente, foram realizados significativos investimentos em capital humano e tecnologia na Coreia do Sul. O país priorizou a educação, a formação técnica e científica e a criação de institutos de pesquisa voltados para a engenharia e inovação. Além disso, o governo elaborou um plano de longo prazo para construir capacidade de produção do ramo de bens de capital, para obter rapidamente uma vantagem competitiva em produtos mais intensivos em tecnologia para serem exportados (Lima, 2013).

Segundo Moura (2011), inicialmente, o país seguiu uma estratégia de imitação tecnológica, com ênfase na engenharia reversa e na importação de licenças, e progressivamente avançou rumo à inovação própria, criando uma base sólida para o desenvolvimento de setores intensivos em tecnologia. Portanto, a estratégia da Coreia do Sul era aprofundar e completar seu parque industrial em direção a esses setores, com o intuito de

¹ O crescimento econômico diz respeito ao aumento quantitativo da produção de bens e serviços de um país, usualmente medido pelo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Trata-se, portanto, de uma expansão meramente numérica da atividade econômica. Já o desenvolvimento econômico, incorpora uma dimensão qualitativa, pois envolve não apenas o crescimento da renda, mas também transformações estruturais capazes de elevar a produtividade, diversificar a base produtiva, reduzir desigualdades e promover melhorias sociais duradouras. Assim, enquanto o crescimento econômico constitui uma condição necessária, o desenvolvimento requer avanços institucionais, sociais e tecnológicos que assegurem a sustentabilidade e a ampliação do bem-estar coletivo (Bresser-Pereira, 2008).

garantir ao país maior vantagem competitiva no comércio internacional, tendo em vista a estratégia de uma industrialização voltada para o comércio exterior.

De acordo com Medeiros (1997), o contexto internacional também desempenhou papel decisivo. A Guerra Fria garantiu apoio financeiro e político dos Estados Unidos, que viam a Coreia como um aliado estratégico. Entre 1953 e 1962, a ajuda externa representou cerca de 80% da formação de capital fixo do país. A inserção da Coreia no mercado global foi facilitada pelo acesso ao mercado americano e japonês, pela expansão do financiamento externo e pela transferência de tecnologia vinda do Japão.

O crescimento export-led da Coreia do Sul durante o período de *catching-up* confirma a tese incorporada na estratégia novo-desenvolvimentista sobre o papel das exportações. Portanto, é evidente que o governo sul-coreano não somente executou políticas cambiais ativas, mas também criou um aparato institucional de incentivo às exportações, principalmente a partir da década de 1960, um sistema de proteção do mercado interno (via tarifas de importações) e políticas voltadas para o aumento da complexidade das próprias cadeias produtivas do país que se refletem até hoje sobre o nível de valor agregado das exportações (Bresser-Pereira; Jabbour e De Paula, 2020).

No governo de Park Chung-Hee (1961-1969), os formuladores da política econômica constataram a necessidade de construir uma base industrial sólida, de modo que a estratégia de longo prazo era favorecer a diversificação para, posteriormente, estimular as exportações de manufaturados (Lima, 2013). Destarte durante os anos 1970, o foco mudou para a industrialização pesada, com ênfase nos setores de bens de capital, petroquímica, eletrônicos e automóveis, o que fortaleceu a base produtiva nacional e impulsionou as exportações de produtos com maior valor agregado (Lima, 2013).

De acordo com Park (2018), a transição para uma economia liderada pelo setor privado acelerou nas décadas de 1980 e 1990. Kim Young-sam assumiu a presidência, em 1993, e implementou um plano de reforma econômica com teor mais liberal. As mudanças na estrutura econômica levaram a uma intervenção governamental mais indireta e à introdução rápida de mercados externos para a economia sul-coreana. O crescimento econômico passou a ser mais complexo, não sendo sustentado apenas quantitativamente.

Portanto, sintetizando as referidas décadas, de acordo com Kim (2005), a trajetória de desenvolvimento da Coreia do Sul entre 1960 e 1980 foi resultado de um Estado forte, que

investiu estrategicamente em infraestrutura de ciência e tecnologia, promoveu atividades de pesquisa e desenvolvimento nas universidades e institutos de pesquisa do governo. Esses fatores, combinados com fatores externos favoráveis e uma articulação eficaz dos setores público e privado, transformaram o país em um modelo de industrialização bem-sucedido entre as economias tardias, consolidando seu papel como uma das principais economias asiáticas.

Durante os anos de 1990 a crise financeira alterou os rumos do desenvolvimento nacional como se conhecia. Segundo Faganello (2023), após a crise financeira de 1997, o Fundo Monetário Internacional (FMI) implementou um programa composto por três elementos: retração macroeconômica, abertura de mercado e reforma estrutural. Essas reformas buscaram alinhar a economia coreana ao modelo anglo-americano, promovendo a liberalização externa e a centralidade do setor financeiro. O governo passou a atuar mais como regulador do mercado do que como agente direto. Além disso, as empresas foram incentivadas a operarem de forma independente, afastando-se da lógica dos grandes conglomerados empresariais.

Já nos anos 2000, os governos Roh Moo-Hyun e Lee Myung-Bak retomaram iniciativas desenvolvimentistas. Essas ações foram centradas na atuação estratégica das instituições financeiras públicas, com o objetivo de promover o desenvolvimento com foco no interesse nacional. Assim, o país conseguiu manter as taxas de crescimento estáveis devido ao aumento das exportações dos *chaebols*². Entretanto, logo após a ascensão de Roh ao poder em 2003, a Coreia atravessou outra crise, a bolha do crédito ao consumidor, que foi essencial para propagar sentimentos anti liberalizantes no governo, principalmente porque os bancos estrangeiros foram os maiores responsáveis pelo excesso de empréstimos (Dantas, 2022).

Além disso, a Coreia do Sul enfrentava dificuldades tecnológicas diante de países desenvolvidos como Japão e Alemanha. A dependência de componentes importados dessas economias pressionava a balança comercial e tornava o país vulnerável à concorrência de nações com preços mais competitivos, como a própria China, situação que expôs as limitações estruturais do modelo econômico coreano naquele período (The Dong-A Ilbo, 2005; Thurbon, 2016, p. 49).

² *Chaebol* se refere a um coletivo de empresas formalmente independentes sob o controle administrativo e financeiro comum de uma única família, ou seja, significa um grupo ou partido de riqueza: chae (財) significa riqueza ou fortuna, e bol (閥) significa um grupo ou partido (Murilo; Sung, 2013).

Contudo, apesar dos esforços da política de inovação do governo Roh, a Coreia ainda se apresentava muito dependente da importação de tecnologias e componentes avançados, o que comprometeu a balança comercial e a competitividade do país. Ademais, entre 2003 e 2007, o aumento do preço de petróleo impactou diretamente o setor industrial e alarmou para a fragilidade energética do país (Thurbon, 2016, p. 53).

Em relação à crise financeira de 2008, as preocupações com a competitividade tecno-industrial da Coreia foram ampliadas, juntamente com a insegurança energética e a inquietude da mudança climática (Thurbon, 2016, p. 61). Embora conflitantes com as políticas econômicas e ambientais, a iniciativa promovida pelo governo Lee enfatizou o efeito sinérgico entre o crescimento econômico e a sustentabilidade, tendo sido este o carro-chefe do governo (Dantas, 2022).

Sintetizando a década de 2000, pode-se afirmar que essa foi marcada pela preocupação energética, superação da dependência tecnológica, aumento da competitividade exportadora e criação de novos motores de crescimento com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento econômico e industrial coreano (Dantas, 2022). Para tal, a abordagem mais intervencionista do Estado foi essencial para a coordenação dos investimentos em infraestrutura e promoção da P&D, ou seja, a atuação dos governos foram imprescindíveis para internalizar a ideia do ativismo estatal na modernização do setor industrial e no fortalecimento das empresas nacionais frente à competitividade externa (Dantas, 2022).

Dessa forma, nos anos 2010, o sistema nacional de inovação coreano e sua estrutura econômica como um todo refletiam o período de rápida industrialização nas décadas de 1960 e 1970 quando a intervenção estatal era focada nos grandes conglomerados capazes de gerar um rápido crescimento *export-led*, resultando em um quadro nacional que favorecia muito mais o investimento em P&D nos *chaebols* (Connell, 2014, p.8).

O presidente Moon Jae-In (2017- 2022) assumiu a presidência em 2017, dando continuidade ao processo de transformação produtiva e tecnológica do país. O presidente Moon programou uma política econômica expansionista focada no suporte à criação de emprego e melhorias salariais; aumento na qualidade de vida, principalmente na saúde; e na transparência dentro do corpo público e dos *chaebols* (The Korea Herald, 2017).

De acordo com Dantas (2022), o resultado dos governos da década de 2010, apresentou menores variações do PIB em comparação com as variações da década de 1960

devido ao amadurecimento da economia coreana. Ademais, os resultados negativos em 2020 provenientes da crise sanitária interferiram na taxa média de crescimento. A indústria de transformação também apresentou menor dinamismo, apontando para a necessidade de renovação estratégica. Nesse contexto, os governos passaram a enfatizar investimentos em inovação e tecnologias emergentes como novos motores de crescimento.

Somado a isso, ao analisar o setor industrial é possível observar que as variações das taxas médias de crescimento das atividades industriais no período de 2011-2020 foram menores que as variações das décadas passadas. Apesar da desaceleração geral, os setores industriais mais intensivos em capital e tecnologia continuaram a se destacar. Já os setores de baixa intensidade tecnológica enfrentaram maiores dificuldades. Esse cenário reforça a importância da modernização industrial para sustentar o desenvolvimento econômico (Dantas, 2022).

Portanto, a trajetória sul coreana rumo ao desenvolvimento estrutural de suas bases econômicas foi de ampla responsabilidade do Estado ao investir em políticas que visavam a aprimoração de suas bases industriais, grande investimento em P&D e capacitação de sua população. Os resultados obtidos através das décadas confirmam o seu direcionamento, na atualidade, a Coreia do Sul é uma das principais economias globais.

3.2 Desenvolvimento econômico de Singapura (1960-2020)

O caso de Singapura se diferencia do padrão de “industrialização tardia disciplinada” utilizada nos casos da República da China (Taiwan) e Coreia do Sul. Enquanto esses países foram capazes de estruturar uma base nacional forte, Singapura demonstrava sua dependência em relação às empresas multinacionais para o crescimento, tecnologia e exportação (Amsden, 2001). Como consequência, o país não criou um setor privado nacional robusto com capacidade tecnológica própria.

Contudo, Amsden (2001), afirma que diferentemente dos demais Tigres Asiáticos, os quais buscaram desenvolver amplamente um setor industrial e tecnológico nacional forte, Singapura se destacou pela busca por capital estrangeiro com incentivos e infraestrutura, o que na visão da autora não promove o aprendizado tecnológico local e prejudica as empresas nacionais em um cenário competitivo global. Por outro lado, Chang (2010) destaca a forte atuação do Estado no controle de sua economia descrevendo devidas práticas de controle

exercidas pelo país como práticas socialista e que o governo local atuaria mais com características empresariais do que como um órgão regulador.

Desse modo, entende-se que Singapura, ao contrário do Japão e dos outros pequenos dragões, buscou atrair multinacionais e estabelecer suas próprias corporações, administradas direta ou indiretamente pelo governo. Para induzir empresas multinacionais a investir na pequena cidade-estado, os líderes permitiram um nível de controle estrangeiro que Taiwan e Coreia do Sul teriam considerado inaceitável (Vogel, 1996).

As multinacionais atraídas para Singapura eram, em grande parte, de eletrônicos e máquinas, áreas que poderiam empregar lucrativamente trabalhadores que já desfrutavam de salários, em média, mais altos do que nos outros pequenos dragões (Vogel, 1996, pág. 80).

De acordo com Wong (2000), a infraestrutura e ambiente institucional criado pelos colonizadores foram elementos chave no processo de expansão econômica, pois essas características se mostraram atrativas ao capital privado, o que resultou na entrada de diversas multinacionais durante o processo de globalização iniciado após a década de 1960. Essa relação entre Estado e capital industrial privado, em forma de investimento direto, pode ser apontada como elemento chave no processo de desenvolvimento (Gomes, 2022).

Ainda é importante destacar que muito do desenvolvimento econômico de Singapura se deve ao primeiro-ministro Lee Kuan Yew, o qual mantinha fortes políticas de controle que culminaram na aplicação de políticas econômicas e sociais planejadas. Lee auxiliou a criação e fortalecimento de instituições como o Economic Development Board (EDB), responsável pelo desenvolvimento e aplicação de estratégias que visavam transformar o que antes era uma economia pequena e dependente dos fluxos de comércio de mercadorias em um dos principais centros financeiros, industriais e comerciais do mundo (Gomes, 2022).

A partir de 1960 se inicia o processo de desenvolvimento de Singapura, o qual pode ser dividido em três fases: a) O aumento de renda em Singapura após a independência. Os baixos salários da época foram responsáveis por atrair indústrias intensivas em mão-de-obra. b) No início de 1970, a indústria intensiva em mão-de-obra foi abandonada e substituída pela indústria intensiva em capital. E por fim, c) Entre 1980 e 1990, consolidação da indústria de alta tecnologia e crescimento do setor de serviços financeiros. A partir da década de 1980, o país passou a ser o pólo organizador de serviços financeiros para a alocação em outras economias da região (Hew, 2005).

Dentro dessa dinâmica, a partir de 1980, é importante destacar a aplicação do modelo neo schumpeteriano. Tal modelo supõe que as trajetórias tecnológicas, baseadas em um novo paradigma e nas mudanças institucionais necessárias para viabilizá-lo, estimulem o crescimento econômico e a estrutura de emprego, promovendo a modernização da economia e da sua estrutura ocupacional (Camillo, 2011). Tal ação pode ser identificada nas adoções de políticas econômicas por Singapura, ao analisar os resultados adquiridos com o passar das décadas.

No entanto, em 1985, a economia de Singapura entrou em declínio pela primeira vez em 20 anos. Uma das razões para o declínio foram os altos salários, que tornaram os produtos menos competitivos no mercado mundial. Além disso, ocorreram quedas mundiais nos setores relacionados ao petróleo, os quais refletiram na redução da demanda por bens e serviços de Singapura (Menon, 2007).

A implementação do modelo de crescimento focado na inovação continuou na década de 1990, embora o aumento dos custos trabalhistas tenha afetado a produtividade. A cidade-estado passou a concentrar-se em produtos manufaturados de alta tecnologia voltados para a exportação. No início da década de 1990, a indústria manufatureira representava 30% do PIB. A indústria eletrônica era responsável pela maior parcela do valor agregado na indústria (Silva *et al.* 2023).

Com o objetivo de atrair o capital internacional, foram adotadas diversas medidas para diminuir a burocracia e aumentar a lucratividade dos negócios realizados (Hodjera, 1978). Assim, mesmo com a forte abertura e dependência dos fluxos de capitais internacionais, Singapura não sofreu de forma tão severa os efeitos da crise asiática na década de 1990, crise causada pela falta de liquidez e fuga de capital, resultante da incerteza e especulação contra as moedas na região (Silva *et al.* 2023).

Segundo Silva *et al.* (2023), o ano de 2001 marca o início da segunda etapa de abertura bancária e representa uma abertura ainda maior para instituições estrangeiras. Além disso, foram removidos os obstáculos antes existentes para a população residente, como acesso ao crédito em moeda local. Concomitante a isso, passa a existir uma demanda para produtos financeiros mais complexos, o que permite dar um passo seguinte na consolidação de Singapura como um centro financeiro internacional.

Ainda é importante destacar que entre 2002 a 2006, houve uma alta taxa de desemprego, expondo a uma economia instável e estagnada. Em 2004, também houve uma alta taxa de inflação e um crescimento lento do PIB. No que diz respeito aos anos de 2010 a 2021, o índice ficou em 4%, o que é considerado uma baixa taxa de desemprego e indica um forte desenvolvimento da economia, apoiado pelo aumento do PIB e por uma baixa taxa de inflação. A taxa média de inflação entre 2000 e 2021 é de 4%, indicando uma economia em crescimento (Gonchar, Alekseievska, 2025).

De acordo com Chang (2006), Singapura e Taiwan foram os países que se desenvolveram com setores estatais. Já segundo Gomes (2022), a modernização do país se deu sobretudo por meio de alianças de políticas públicas com o investimento de agentes privados internacionais, cabendo ao Estado o papel de condutor neste processo.

Por fim, pode-se concluir que Singapura é principalmente um receptor de investimento direto. O setor financeiro de Singapura é particularmente bem desenvolvido, como evidenciado pelo superávit da conta financeira, com exceção em 2020, devido ao aumento do passivo. Entretanto, empresas globais e locais continuaram operando, ajustando-se às condições da pandemia para evitar a dependência de empréstimos em moeda estrangeira, e ainda, o setor bancário continua a sustentar a demanda por crédito da economia, juntamente com fortes reservas de capital e liquidez (Gonchar, Alekseievska, 2025).

O crescimento econômico de Singapura foi resultado de uma transformação planejada e gradual, que transformou uma economia agrária em um importante polo financeiro e industrial. Segundo Chang (2004), o Estado desempenhou um papel central nesse processo, coordenando políticas industriais, controlando investimentos estrangeiros e promovendo educação e qualificação da força de trabalho. Ao contrário do discurso de livre mercado, o governo de Singapura adotou uma abordagem intervencionista e estratégica. Investiu pesadamente em infraestrutura, tecnologia e na atração seletiva de multinacionais. Essa combinação permitiu diversificar a economia e posicionar o país como referência global em serviços financeiros e inovação. Assim, Singapura tornou-se um dos exemplos de desenvolvimento no Sudeste Asiático.

3.3 Desenvolvimento econômico de Hong Kong (1960- 2020)

Hong Kong teve um tipo de crescimento econômico assimilado ao modelo liberal, sem a característica intervenção estatal anteriormente apresentada pelos demais Tigres (Amsden,

2001). Desse modo, é possível pontuar que a Região Administrativa Especial da China (RAE) seguia a política de *laissez-faire*. Também destaca-se a falta de políticas industriais estratégicas, como o subsídio, proteção tarifária ou exigência de desempenho, como já haviam sido apresentados anteriormente na definição dos outros países. Identifica-se então, um crescimento impulsionado por iniciativas do setor privado, com destaque a pequenas e médias empresas locais.

Assim como Singapura, Hong Kong não utilizou do *learning by doing*, de modo que o aprendizado tecnológico foi restrito, situação que vem a limitar o rápido desenvolvimento de indústrias de alta tecnologia. Além disso, outras situações apontadas por Chang (2002) são a falta de proteção às empresas locais, uma alta dependência do livre comércio e a atração do capital externo.

Ainda de acordo com Amsden (2001), é possível dividir o despontar de sua economia em dois períodos. O primeiro seria da década de 1960-1980, o qual teria as características da oferta de mão de obra barata e abundante, foco em indústrias leves e baixa capacitação tecnológica local. No que diz respeito à década de 1980-1990, Hong Kong tornou-se um hub financeiro. Tal situação indicaria uma economia voltada para o comércio e finanças ao invés da produção, além de não possuir uma base manufatureira complexa.

Diferentemente dos demais tigres, o Estado exaltava o funcionamento do livre mercado e estava menos envolvido na orientação do desenvolvimento industrial do que seus colegas nos outros pequenos dragões, o país tinha uma política industrial de fato, e consequentemente utilizou dos fundos públicos para desenvolver muitas áreas como parques industriais e, em seguida, disponibilizaram as terras para empresas manufatureiras (Vogel, 1996).

O fator de destaque de Hong Kong reside nas finanças e no comércio, e sua industrialização se beneficiou desses pontos fortes. Mesmo com o crescimento de suas empresas, os proprietários-empreendedores de Hong Kong mantinham um controle rígido e se mantinham bem informados sobre tecnologia e mercados internacionais (Vogel, 1996).

Assim como os outros integrantes dos tigres asiáticos, Hong Kong passou por um crescimento massivo entre as décadas de 1960 à 1990, ligado à políticas econômicas sólidas e participação ativa do governo nas áreas de educação e habitação. Desse modo, é possível definir que os anos de 1960 foram marcados pela expansão de seu setor de manufaturados,

financiado pela alta oferta de mão de obra barata da época (Husain, 1997 *apud* Coelho, Oliveira 2022).

Entretanto, na década seguinte o custo de mão de obra se elevou junto ao custo das terras, criando uma onda de deslocamento dessa produção de Hong Kong para a China, que iniciava sua política de reforma econômica no período. Devido a esses fatores, a composição de suas exportações passou por uma mudança substancial, onde as exportações de mercadorias internas deram espaço para as re-exportações (Husain, 1997 *apud* Coelho, Oliveira 2022).

A abertura da China ao comércio e ao investimento estrangeiros no final da década de 1970 teve grande impacto na economia de Hong Kong. Durante um longo período, o país ocupava a posição de entreposto chinês, situação essa que entre os anos de 1949 e 1978 foi significativamente reduzida permitindo a Hong Kong o desenvolvimento de indústrias manufatureiras com uso intensivo de mão de obra e começou a exportar seus produtos para o exterior. No final da década de 1970, a indústria manufatureira amadureceu a ponto de os empreendedores de Hong Kong estarem prontos para instalar unidades de produção no exterior (FMI, 2000).

O desenvolvimento contínuo da China continental desde o final da década de 1970 proporcionou novas oportunidades e novo espaço para Hong Kong crescer e se desenvolver. Essa transformação teve dois impactos duradouros em Hong Kong: a) seu desenvolvimento econômico contínuo das décadas de 1980 a 1990; b) a consolidação de sua posição como centro de comércio internacional, centro de transporte marítimo e aéreo e centro financeiro internacional na região da Ásia-Pacífico, e seu desenvolvimento como uma importante economia de serviços, garantindo assim sua competitividade econômica (Yuk, 2023).

No final da década de 1980, houve um desenvolvimento acelerado com grande número de pólos industriais estrangeiros, especialmente indústrias voltadas para a exportação (Yuk, 2023). A década de 1990 também testemunhou uma diversificação para o comércio eletrônico, serviços financeiros e turismo, que também foram os principais impulsionadores do desenvolvimento de Hong Kong. Ao entrar no século XXI, Hong Kong não apenas deu continuidade ao desenvolvimento de suas indústrias originais, mas também emergiu com muitas novas indústrias, como bioquímica e novas energias, etc. (Conselho de Desenvolvimento Comercial de Hong Kong, 2013 *apud* Yuk, 2023).

Desde 1980, a economia de Hong Kong cresceu 6,5% ao ano e passou por três ciclos econômicos. a) crescimento impulsionado pelas exportações (de 1980 a 1989); b) crescimento impulsionado pela demanda interna (de 1990 ao primeiro semestre de 1994); e c) consolidação (do segundo semestre de 1994 ao primeiro semestre de 1996). Durante cada fase, as taxas de crescimento do PIB real tornaram-se progressivamente menores e mais estáveis, refletindo o amadurecimento da economia e uma mudança estrutural da indústria para os serviços (FMI, 2000).

A partir desse ponto ocorre o complemento entre essas duas economias, na qual a China detém os recursos terrestres e de mão de obra, e Hong Kong se destacava nos setores de transporte, telecomunicações e finanças. Essas dotações complementares de fatores impulsionaram uma integração econômica muito mais estreita e foram a principal força por trás da notável transformação estrutural de Hong Kong (FMI, 2000).

Em 1995, a participação da indústria manufatureira em Hong Kong havia caído para menos de 9% do PIB. Nesse processo, o papel tradicional de entreposto de Hong Kong foi ressuscitado, mas desta vez em um contexto muito mais amplo — as empresas de Hong Kong não atuavam mais apenas como intermediárias, mas como iniciadoras de atividades comerciais internacionais. Para Hong Kong, a crescente integração com Pequim significou que seu ciclo econômico se tornou mais sincronizado com o da China (FMI, 2000).

As instituições financeiras de Hong Kong e outros setores empresariais importantes sofreram retração durante o período de dificuldades econômicas de 1997 a 2003 (Meyer, 2008). No entanto, as redes de capital que conectam as empresas internacionais da cidade à Ásia e ao restante da economia global estabeleceram a base para a recuperação. A economia de Hong Kong se transformou em serviços intermediários mais sofisticados para a China, o restante da Ásia e a economia global (Meyer, 2008).

Em relação ao século XXI, a globalização tem sido fator predominante nas mudanças econômicas globais, de modo a facilitar o fluxo de fundos, permitir o compartilhamento de recursos, bem como a livre circulação de informação e impulsionar o comércio internacional (Xie, 2025). É importante destacar que mais do que qualquer outra economia no mundo, Hong Kong aproveitou às forças da globalização e, assim, demonstrou os ganhos econômicos que podem ser alcançados com as políticas corretas, à medida que a integração da economia mundial continua por meio do comércio, dos fluxos financeiros e da troca de tecnologia e informação (FMI, 2000).

De acordo com Xie (2025), Hong Kong apresenta importante papel como apoiador para o desenvolvimento da economia chinesa, de modo a tê-la como principal parceiro e principal investidor no final do século XX, tornando-se o maior contribuinte para sua internacionalização. Tal papel se estendeu à facilitação do investimento externo da China, pois os montantes de investimento que fluíram da República Popular da China (RPC) para e através de Hong Kong desde 2001 expressam valores significativos (Xie, 2025). Portanto, desde o final da década de 1990, Hong Kong não tem sido apenas um grande investidor na China, mas também o maior receptor individual de investimento externo de Pequim (Brown, 2010).

Segundo as análises de Lin (2020), as tendências futuras de Hong Kong são muito diversas e serão dominadas pelo desenvolvimento econômico, tecnológico, social e cultural. De acordo com o autor, Hong Kong dependerá mais do desenvolvimento econômico internacional, aprimorando suas capacidades inovadoras. Hong Kong é fortemente influenciada pelo desenvolvimento econômico da China e pode esperar uma nova prosperidade e inovação no futuro, considerando a Zona de Livre Comércio, os portos de livre comércio e outras novas indústrias (Lin *et al.*, 2020).

3.4 Desenvolvimento econômico de Taiwan (1960-2020)

Segundo Tsai (1999) Taiwan passou por quatro níveis de industrialização, sendo esses: a) A substituição primária de importações no período de 1952 a 1957, beneficiada pela reforma agrária que distribuiu renda e aumentou a produtividade da terra.; b) transição e promoção de exportações de 1958 a 1972, marcada pelo programa dos 19 pontos, que tinha como objetivo encorajar a poupança e o investimento e promover as exportações; c) a substituição secundária de importações em 1973 até 1980, a qual procurou melhorar a infraestrutura e interiorizar a produção de certos insumos industriais; e por fim, d) a promoção de indústrias estratégicas e de alta tecnologia, o qual se refere o período de 1981 até o presente.

De acordo com Vogel (1996), Taiwan seguiu com um modelo de industrialização tardia, entretanto, o país contava com uma estratégia diferente. Uma característica própria da nação era um setor privado fragmentado, composto principalmente por pequenas e médias empresas familiares. Desse modo, o Estado passou a fornecer crédito subsidiário, treinamento e infraestrutura para as empresas, além de exigir resultados concretos em relação à economia, ou seja, a competitividade internacional era fomentada.

Amsden (1989), relata que, assim como a Coreia do Sul, Taiwan usou a estratégia de *learning-by-doing*, porém contava com maior disciplina imposta pelo Estado, o qual articulava em retirar o auxílio, caso os resultados não fossem satisfatórios. Portanto, de acordo com Amsden (1989), “o mercado não levou Taiwan ao sucesso, isso se deu devido a forte presença estatal, o qual criou, coordenou e corrigiu o mercado”.

Segundo Vogel (1996), Taiwan iniciou sua modernização fortalecendo a agricultura e a infraestrutura, assim como ocorreu no Japão. Com o tempo, a agricultura atingiu um plateau, situação que veio a gerar desequilíbrios na balança comercial por depender de importações, pois ainda não era possível produzir todos os bens de consumo localmente. Diante da tentativa fracassada de invasão pela China em 1958 e o rompimento das relações entre China e União Soviética permitiram a Taiwan redirecionar seus investimentos do setor bélico para a indústria manufatureira.

De acordo com Wade (1990), durante os anos de 1950, a República da China (ROC) formou as bases para o desenvolvimento industrial a partir da produção de plástico, fibras artificiais, cimento, vidro, fertilizante, madeira compensada, e a de maior destaque na época, a indústria têxtil. De modo que no final da década de 1950, um setor industrial substancial já existia, com crescente número de fornecedores de componentes. A manufatura como uma parcela do PIB atingiu 22% em 1960, a décima segunda maior parcela entre os 55 países de renda média, colocando-a no mesmo patamar que Chile, México, Brasil e Israel. A produção industrial excedeu a produção agrícola pela primeira vez em 1963 (Wade, 1990).

Nessa conjuntura, no final de 1959, as autoridades americanas propuseram à Taiwan que caso esta mobilizasse todos os recursos domésticos disponíveis e se concentrasse com maior intensidade no desenvolvimento doméstico e em conjunto a isso, promoverem a redução dos controles governamentais sobre a livre operação dos mercados, ao invés continuarem a perpetuar a ideia de retomar a o território da ROC, os Estados Unidos estava apto a auxiliar o desenvolvimento econômico da nação asiática (Vogel, 1996, pág. 23).

Segundo Vogel (1996), a determinação do governo de Taiwan em proteger indústrias nascentes, introduzir novas tecnologias e limitar investimentos estrangeiros, ao mesmo tempo em que gerava sua própria taxa de poupança interna, ajudou a dar margem de manobra para que empresas locais ganhassem força sem que perdessem seu espaço para multinacionais estrangeiras. A transformação industrial que levou um século, ou até mais, para as nações

ocidentais e o Japão, foi concluída em Taiwan em, essencialmente, quatro décadas (Vogel, 1996, pág. 38).

De acordo com Albuquerque (2017), Taiwan conseguiu desenvolver um parque industrial de alta tecnologia. Desde o início das reformas Taiwan tentou buscar mercados externos e grande parte dos resultados da segunda fase só foram colhidos num momento posterior, tendo em vista o tempo de maturação dos projetos.

Na década de 1980, a economia de Taiwan começa a acelerar a transição industrial, a indústria intensiva em mão de obra vai, paulatinamente, perdendo espaço para setores intensivos em tecnologia. Essa transição, junto com um grande superávit na balança comercial, possibilitou uma maior abertura da economia, o que, no estágio em que se encontrava o país, contribuiu para que as empresas aprimorassem a administração e o padrão tecnológico (Albuquerque, 2017).

Outro dado importante para o desenvolvimento do país foi a política de incentivo à poupança que possibilitou uma relativa autonomia financeira depois que a ajuda norte-americana cessou. Na década de 1980 em diante, os superávits tornaram-se não apenas constantes, como extremamente elevados, possibilitando a acumulação de grandes reservas cambiais em moeda forte e dotando o país de maior resistência para enfrentar crises internas e externas, como ficou patente quando da crise asiática de 1997. Ainda é possível destacar o bom desempenho de Taiwan se comparado com as demais economias emergentes do sudeste asiático, inclusive, Coreia do Sul (Albuquerque, 2017).

Ao longo dos anos 1980, o governo implementou um programa de elevação do nível educacional dos servidores públicos e de aperfeiçoamento do preparo técnico dos mesmos para suas tarefas específicas. Esta medida resultou em cerca de 70% dos 536 mil funcionários públicos de Taiwan, em 1990, matriculados em colégios ou universidades (Vogel, 1996). Desse modo, o nível educacional tornou-se o principal parâmetro para a progressão funcional e o governo intensificou as políticas de estímulo a taiwaneses emigrados, detentores de doutorados por universidades americanas, para que viessem integrar-se ao serviço público de Taiwan (Oliveira, 1993).

Foi esse corpo de administradores altamente qualificados que elaborou a implementação do Plano de Seis Anos, o qual tem foco em áreas relacionadas à: telecomunicações, informação, eletrônica de consumo, semicondutores, maquinaria de

precisão e automação, aeroespacial, materiais avançados, química fina e farmacêutica, cuidados médicos e sanitários, controle da poluição (Oliveira, 1993).

Em suma, a década de 1980 foi um ponto de virada crucial no desenvolvimento econômico de Taiwan. Antes da década de 1980, Taiwan podia crescer quase automaticamente porque o mecanismo internacional de equalização de preços dos fatores de produção estava elevando os salários de Taiwan em direção aos dos países avançados. Após a década de 1980, o mesmo mecanismo começou a ter o efeito oposto para Taiwan, com os salários sendo reduzidos devido às condições nos países emergentes, o que incentivou a cidade-estado a modernizar suas indústrias (Chen, 2016).

A partir do final da década de 1980 e início da década de 1990, a principal fonte de crescimento econômico de Taiwan começou a mudar do crescimento do capital tangível para o capital intangível. O capital intangível inclui capital humano, capital de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) e *goodwill*, que se refere à publicidade e construção de marca. Este período também coincidiu com a mudança gradual de "fabricação de equipamento original (OEM)" para "desenvolvimento e fabricação originais (ODM)" por parte das empresas taiwanesas (Lau, 2012).

Para melhor compreender esse fenômeno, utiliza-se das bases dos conhecimentos neoschumpeterianos, o qual enfatiza o papel das inovações na dinâmica capitalista. De acordo com Camillo (2011), essas inovações se comportam de forma evolutiva, alterando-se ao longo do tempo e desencadeando um processo evolucionário de “destruição criativa”, no qual os antigos processos produtivos, com suas respectivas estruturas produtiva e ocupacional, podem ser destruídos e nos seus lugares poderão ser criados novos processos, novos produtos e novas estruturas econômicas.

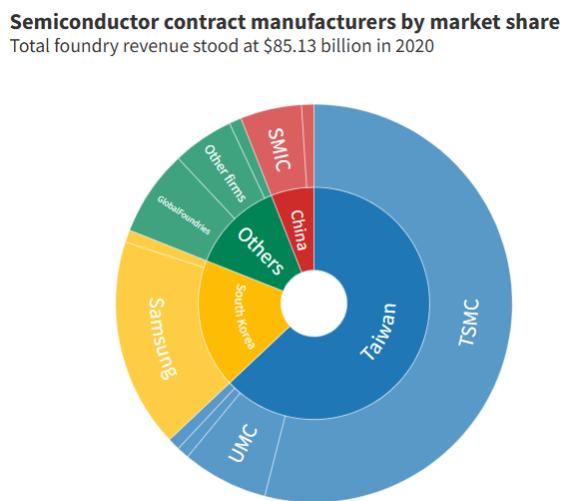
Portanto, o investimento sustentado em P&D no final dos anos de 1980 foi essencial para o progresso técnico na economia taiwanesa. Nesse viés, os gastos com P&D aumentaram rapidamente, tanto em valor absoluto quanto em porcentagem do PIB. De acordo com Lau (2012), a relação Despesas em P&D/PIB de Taiwan ultrapassou 2,5%, comparável à dos EUA e de outras economias desenvolvidas, mas atrás da do Japão e da Coreia do Sul.

Segundo Moura (2019), na esfera econômica, a década de 1980 foi a que consagrou à Taiwan o segmento de eletrônicos, pois sua indústria já produzia bens de consumo. Em 1987, por meio de seus esforços em prol do aprendizado de tais tecnologias, o governo cria no

Parque Hsinchu a Taiwan Semiconductor Manufacturing Company (TSMC), sendo esta empresa a de maior peso na produção global de semicondutores, a qual corresponde atualmente a produção de cerca de 90% dos semicondutores mais avançados do mundo (Moura, 2019).

Na última década, a ilha tem sido peça importante na disputa geopolítica tendo sua localização e relevância econômica na produção de semicondutores, como fatores que despertam a atenção de outras nações. Tendo em vista os efeitos da COVID-19, o mundo percebeu a concentração da produção de chips na pequena ilha próxima à China e desde então os países têm buscado maiores investimentos no setor de semicondutores dentro próprio território.

Figura 1 - Contrato de semicondutores por participação de mercado



Fonte: TrendForce, 2021

Como pode ser analisado na figura 1, Taiwan possui a maior participação no mercado de semicondutores, com 63% no total. Destaca-se que deste valor total, cerca de 54% representa apenas uma das empresas de Chips no país, a Taiwan Semiconductor Manufacturing Company (TSMC).

A partir do que foi exposto, observa-se que a grande virada econômica realizada por Taiwan o tornou um dos principais Tigres Asiáticos. Inicialmente, a combinação de planejamento estatal, abertura gradual ao mercado externo e investimento em tecnologia impulsionou o crescimento sustentável de modo a consolidar Taiwan como uma economia moderna e competitiva no cenário global, muito diferente de como se encontrava a menos de cinquenta anos atrás e muito mais veloz do que as economias centrais evoluíram.

Portanto, nesta seção foram apresentadas as políticas que os Estados adotaram, como os modelos schumpeterianos, como no caso da Coreia do Sul e Taiwan, na busca por agregar valores a suas exportações, além de investimentos em capital humano para melhor capacitar sua população e consequentemente aumentar sua produtividade e renda, reduzir a desigualdade social, as quais resultam em uma melhor qualidade de vida para sua população. Enquanto Singapura apresenta estratégias distintas, como a busca do capital estrangeiro e incentivos na infraestrutura, e Hong Kong tem seu crescimento impulsionado por iniciativas do setor privado (PME). Assim, para demonstrar de modo empírico o que foi apresentado na seção 3, o próximo capítulo traz dados relevantes para aprofundar a discussão e exemplificar os motivos da estagnação brasileira, indicando também o momento que as potências econômicas asiáticas vieram a superar os valores econômicos do Brasil.

4. A REVOLUÇÃO ECONÔMICA DOS TIGRES ASIÁTICOS E DO BRASIL

No presente capítulo, serão expostos uma série de gráficos que visam apontar para uma conclusão a respeito da hipótese do problema, na qual a industrialização permitiu a esses países um crescimento e desenvolvimento relativamente mais acelerado. Portanto, é importante destacar que de acordo com Bresser-Pereira (2017), o que caracteriza o desenvolvimento é a complexidade econômica, produzir bens e serviços cada vez mais aprimorados em tecnologia, e mercados que exijam técnicos e especialistas variados, com alto nível de educação e salários elevados.

De acordo com a estratégia novo-desenvolvimentista, o crescimento econômico sustentável requer uma visão equilibrada entre a expansão do mercado interno e a inserção internacional por meio das exportações (Bresser-Pereira; Jabbour e De Paula, 2020). Para os novos-desenvolvimentistas, as exportações estimulam não apenas o emprego e os salários, mas também o investimento, criando um círculo virtuoso de crescimento. Nesse sentido, quando há equilíbrio entre taxa de investimento e taxa de crescimento, torna-se possível adotar uma estratégia balanceada, na qual os salários crescem na mesma proporção da produtividade e a razão lucro-salário permanece estável, assegurando a manutenção de taxas de lucro satisfatórias para estimular o investimento privado.

Dessa forma, os gráficos a seguir demonstram os resultados indiretos do crescimento econômico devido às políticas estatais aplicadas pelos governos estatais e suas implicações na qualidade de vida, investimentos em P&D, crescimento do PIB per capita, e por fim o índice

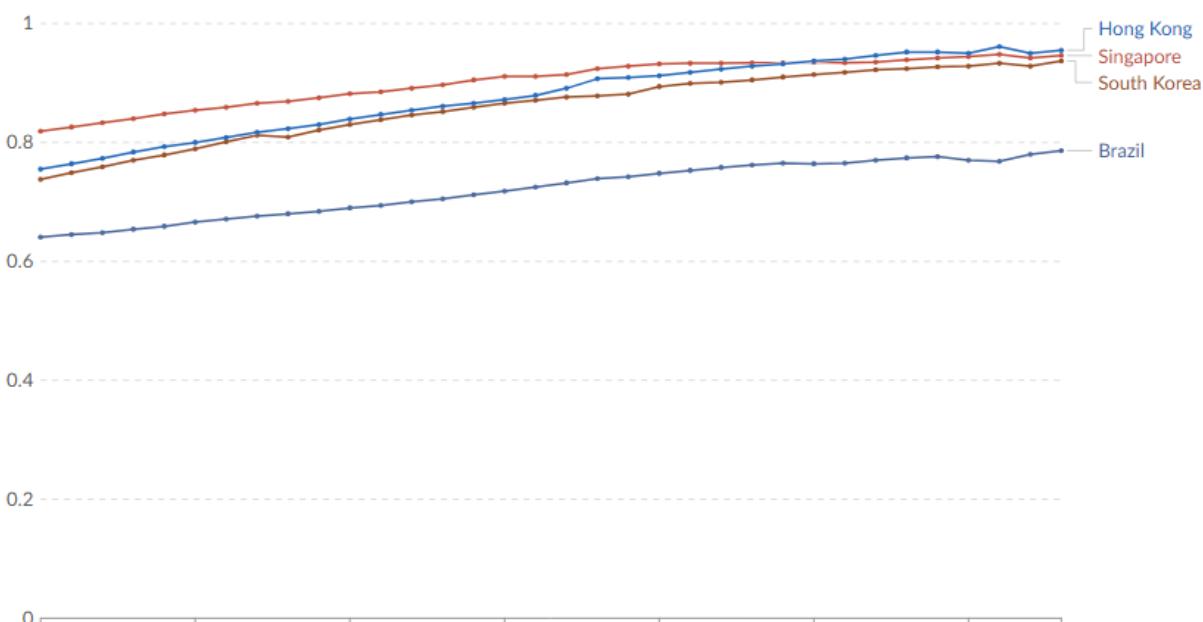
de capital humano, com o intuito de verificar se as economias que possuem mercado focado em bens de consumo de alto valor apresentam de fato alguma vantagem sobre o Brasil.

A falta de dados relativa à Taiwan diz respeito à situação política que esse mantém com a China. Desse modo, a escassez de dados referentes à ilha dificulta as pesquisas e coletas de dados quando busca-se fazer uma comparação direta entre os quatro países. Logo, os gráficos apresentados na seção abaixo não abrangem os valores correspondentes a Taipei³.

4.1 Índice de desenvolvimento humano

O gráfico 2 apresenta o índice de desenvolvimento humano, a qual se refere a uma comparação de indicadores de países nos itens riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade etc, com o intuito de avaliar o bem-estar de uma população, especialmente das crianças (Souza, 2008).

Gráfico 1 - Índice de desenvolvimento humano (1990-2023)



Fonte: extraído de UNDP, Human Development Report, 2025.

Portanto, a partir dessa base de dados, fica evidente que os Tigres apontam um maior Índice de Desenvolvimento Humano que o Brasil anterior ao anos 1990, isso decorre das diferenças de ações tomadas por esses governos no decorrer da história.

³ A RPC, para refutar a existência de “duas Chinas” ou a independência de Taiwan, surge com a *One China Policy* (Chen, 2022. pg. 1030). Partindo desse pressuposto, algumas instituições optam por não reconhecer ou engajar com Taiwan em receio a retaliação.

Em um outro panorama, nota-se uma queda no nível de IDH em Singapura no ano de 2015. Isso na verdade ocorre porque os demais países elevaram seu nível, enquanto Singapura o manteve. Essa ocorrência mais a frente implica na sua segunda colocação abaixo de Hong Kong, mas ainda expressa valores superiores a Coreia do Sul e ao Brasil.

Ainda, ao analisar pode-se analisar uma queda nos investimento da Coreia do Sul no ano de 1998, a qual reflete a crise financeira asiática do ano de 1997. Neste ano, a Coreia do Sul caiu em duas posições no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em referência ao ano anterior. De acordo com Kim e Coe (2002), a crise levou a uma forte contração da atividade econômica em 1998, um crescimento negativo de 6,7%, o pior da história moderna da Coreia. Muitos coreanos consideram a crise de 1997, a crise nacional mais crítica desde a Guerra da Coreia, no início da década de 1950, e a pior vergonha nacional desde a anexação japonesa em 1910.

Além desta, nota-se outra redução, a qual corresponde à crise financeira de 2008. Nesse viés, é preciso compreender que o IDH se constrói a partir da combinação de indicadores ligados à renda per capita, educação e expectativa de vida. Desse modo, uma recessão econômica costuma afetar principalmente a renda e o investimento em serviços sociais, podendo gerar uma queda temporária no IDH dos países, assim como foi demonstrado com a Coreia do Sul.

Segundo Kar (2025), a Coreia do Sul possui uma economia altamente dependente de exportações de tal modo que foi profundamente afetada pela crise de 2008. A crise impactou o comércio global e a demanda por bens, o qual levou a uma rápida contração nos mercados de exportação do país. Isso resultou em perdas de empregos nesses setores e contribuiu para o aumento das taxas de desemprego (Kar, 2025).

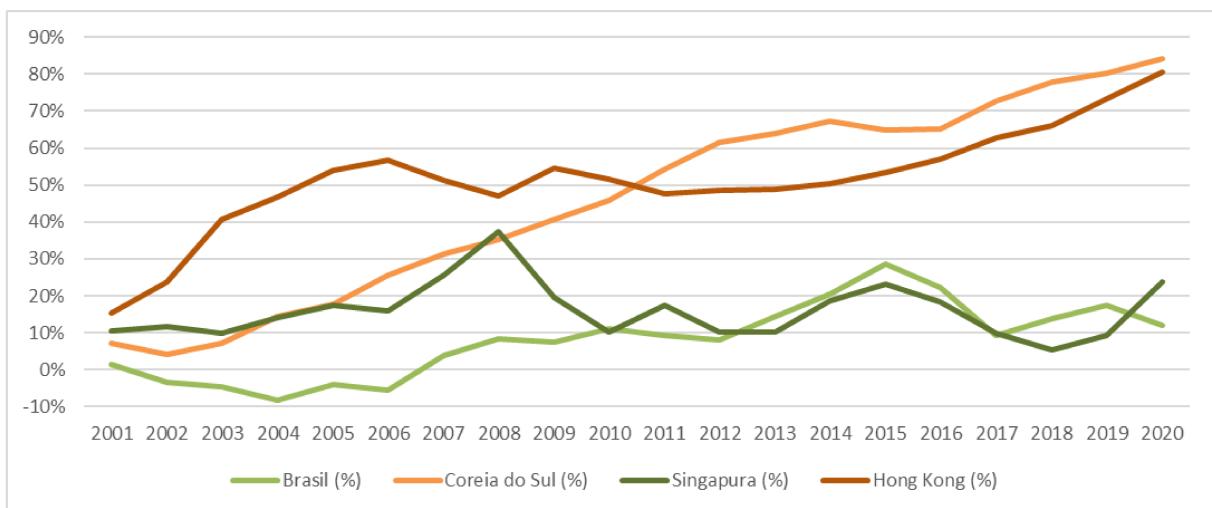
Nesse panorama, ainda destaca-se o crescimento do IDH em Hong Kong durante a crise financeira de 2008, a qual pode ser explicada a partir da definição do que é o Índice de Desenvolvimento Humano. De acordo com Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o IDH é uma medida resumida do desempenho médio em dimensões-chave do desenvolvimento humano: uma vida longa e saudável, ter conhecimento e um padrão de vida decente. Assim, ao analisar a expectativa de vida, escolaridade e combinações econômicas da época, como por exemplo seu dólar estar diretamente ligado ao dólar americano, entende-se que a crise não o afetou tanto quanto os demais países.

Ademais, durante a pandemia, é possível observar um aumento em relação aos investimentos no desenvolvimento humano em relação aos tigres, entretanto no Brasil ocorreu uma redução, o que distanciou ainda mais estes países. Em referência ao crescimento dos três tigres Ao longo dos quatro anos que decorreram durante a pandemia (2019-2023), o desenvolvimento humano na Ásia-Pacífico cresceu 2,6%, um ritmo modesto, mas bem acima da média global de 1,5% (PNUD, 2025). Por meio desta, entende-se que esses países, através de medidas sociais e econômicas eficazes foram capazes de remediar os efeitos da COVID-19 em seus territórios de modo a não causar danos efetivos.

4.2 Investimento em P&D

No gráfico 3, são apresentados os valores referentes ao investimento em P&D dos Tigres Asiáticos (Coreia do Sul, Singapura e Hong Kong), bem como os valores referentes ao Brasil nos anos de 2001 a 2020, com o intuito de facilitar a análise e compreender as decisões adotadas por cada uma dessas nações.

Gráfico 2 - Investimento em P&D (2001-2020) (%)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Banco Mundial, 2025.

De acordo com a análise do gráfico 3, fica evidente o distanciamento dos Tigres, principalmente Coreia do Sul e Hong Kong em relação ao Brasil no quesito investimento em P&D. No entanto, Singapura a partir de 2010 fica relativamente próxima à linha do Brasil. De acordo com Carney e Zheng (2009), isso ocorre, pois a cidade-Estado não conta com uma ampla base industrial própria, ou seja, as multinacionais instaladas em Singapura realizam P&D em suas matrizes. Além disso, como já foi expressa na parte teórica do trabalho, deve-se levar em conta seu teor econômico voltado ao setor de serviços.

Quanto ao Brasil, nota-se um pequeno crescimento nos anos de 2013 a 2016, entretanto nada tão significativo quanto os investimentos realizados pela Coreia do Sul, que lidera o gráfico apresentando um crescimento constante desde os anos 2002. Ademais, no Brasil durante o ano de 2017, houve uma redução nos investimentos, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

A redução do papel das políticas públicas para inovação fica evidente no percentual de empresas inovadoras que receberam algum tipo de apoio público para inovar. Esse número subiu ao longo dos anos 2000, atingindo 34,2% no período 2009-2011 e 39,9% em 2012-2014. Esse movimento, no entanto, foi interrompido em 2015-2017, quando o percentual de empresas que declararam ter recebido algum tipo de suporte ou financiamento público caiu para 26,2% (Ipea, 2020).

Além disso, destaca-se a elevação nos investimento de P&D em Singapura em 2008, e em seguida o rápido crescimento da economia em Hong Kong no ano de 2009. Essa correlação corresponde ao modo com que as cidades-Estado lidam com a crise financeira correspondente. Embora a crise tenha desacelerado o comércio e investimentos globais, ambas as economias reconheceram que a competitividade a longo prazo não poderia depender apenas de seus pontos fortes tradicionais e precisavam se voltar para um crescimento impulsionado pela inovação (IEDI, 2011).

De modo geral, pode-se afirmar que o país aumentou os investimentos em infraestrutura e tecnologia. Para Singapura, isso fazia parte de uma trajetória de P&D de longo prazo, apoiada por incentivos fiscais e dinamismo do setor privado (NAS, 2008). Para Hong Kong, isso envolveu uma rápida expansão por meio de fortalecimento institucional, esquemas de financiamento e colaboração com Pequim na busca de um futuro econômico robusto e baseado no conhecimento (GovHK, 2007).

Ademais o período entre 2013 e 2015, no qual ocorreu um crescimento nos níveis de investimento simultaneamente na Coreia do Sul e Singapura. Esse aumento pode ser justificado por ações governamentais com foco exclusivo no setor de desenvolvimento tecnológico. Assim, a Coreia do Sul se destacou entre os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) no ano de 2014 ao dedicar cerca de 4,29% do seu PIB à P&D (Yoo, 2016).

De acordo com a Agência de Inovação, Tecnologia e Indústria (2016), a respeito de Hong Kong, ocorreu a criação do Departamento de Inovação e Tecnologia em 2015. Logo, o Governo não poupou esforços para impulsionar o desenvolvimento de nossas indústrias de inovação e tecnologia. O objetivo principal foi o de promover a inovação e o desenvolvimento tecnológico para transformar Hong Kong em uma economia baseada no conhecimento, impulsionar o crescimento econômico e proporcionar oportunidades de emprego de qualidade, especialmente para os jovens (ITIB, 2016).

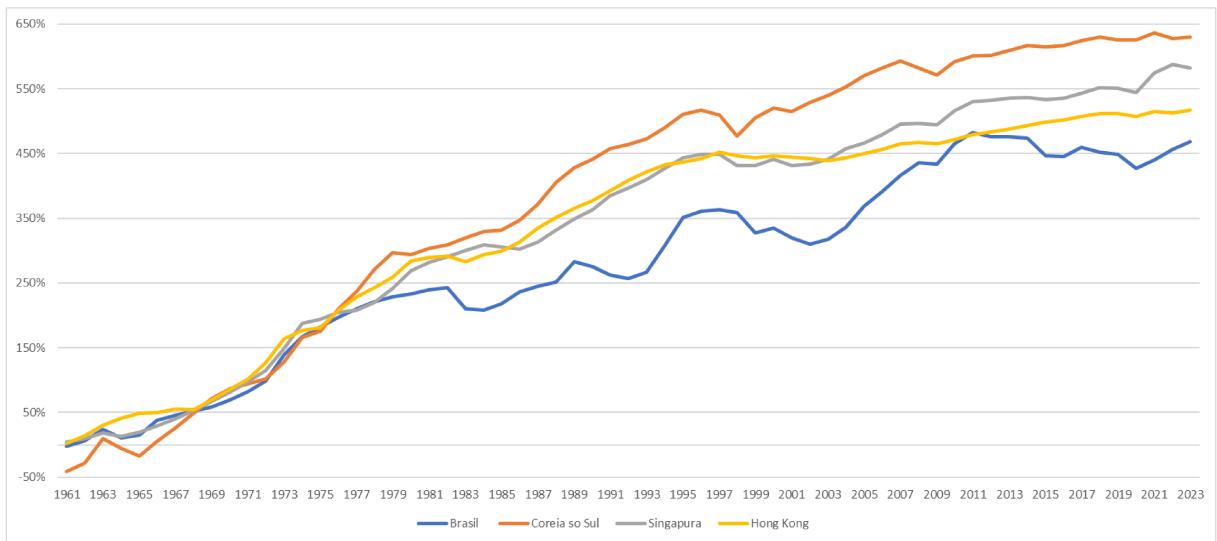
Em Singapura, a partir da criação do plano *Research, Innovation and Enterprise 2015* (RIE2015), houve o realocamento de investimentos para auxiliar as pequenas e médias empresas (PME's) para transformar pesquisa em inovação comercial por meio da transferência de tecnologia e P&D. O valor de 16,1 bilhões de dólares foram destinados para os centros de pesquisas identificarem proativamente oportunidades de colaboração com PME's. Este compromisso significativo de recursos públicos para ajudar a comercializar mais ideias de pesquisa em colaboração com as PMEs. E temos diversas plataformas e programas para esse fim (Iswaran, 2013).

Portanto, percebe-se os constantes investimentos realizados pelos governos desses países na busca por melhores formação e criação de tecnologias. Diferentemente do Brasil, no qual nos últimos anos vive uma situação de desincentivos, como apontam dados do Instituto Brasileito de Geografia e Estatística (IBGE) (2025), em 2023, a taxa de inovação das empresas industriais com 100 ou mais pessoas ocupadas no Brasil foi de 64,6%, com queda em relação a 2022 (68,1%) e 2021 (70,5%) (IBGE, 2025).

4.3 Crescimento do PIB per capita

O gráfico 4 traz o panorama do crescimento do PIB per capita no Brasil, Coreia do Sul, Singapura e Hong Kong nos anos de 1961 até 2023. Por meio da análise deste gráfico é possível notar o ano no qual os Tigres despontaram economicamente, situação que resultou no distanciamento em relação ao Brasil.

Gráfico 3 - Crescimento do PIB per capita P.P.P (1961-2023) (%)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Banco Mundial, 2025.

A análise do PIB per capita permite a compreensão em relação ao crescimento econômico das nações, além de proporcionar uma melhor análise de como os fenômenos globais podem atingir a economia doméstica. Por esse motivo, torna-se importante analisar tais dados para compreender um amplo panorama econômico.

Portanto, um dos pontos de destaque no gráfico é o crescimento exponencial sul coreano em relação aos demais países apresentados. Os valores da taxa de crescimento inicialmente apresentam tendências negativas, entretanto, a partir de 1965 mantêm um crescimento estável com raras variações em seus valores.

Quanto a Hong Kong e Singapura, esses também apresentam um crescimento exponencial com pouca variabilidade. Além disso, destaca-se que no início apresentou valores similares aos vistos também no Brasil. Entretanto, com o passar dos anos, observa-se que estes foram se distanciando, e na contemporaneidade apresentam um PIB per capita com valores superiores ao Brasil.

Por fim, as variações apresentadas pelo Brasil mostram que a partir do ano de 1977, o país não conseguiu alcançar o nível de crescimento conjunto com os Tigres, mostrando momentos de instabilidade em sua economia com um único momento potencial para atingir a taxa de crescimento de Hong Kong a partir do ano de 2002, com um pico no ano de 2011 para em seguida se afastar dos países asiáticos novamente.

4.4 Crescimento das exportações e importações

Após a análise dos indicadores de desenvolvimento econômico dos países, na presente seção, serão apresentados dados de exportação e importação do Brasil, Singapura, Hong Kong e Coreia do Sul entre os anos de 1999 a 2024, no intuito de evidenciar de forma objetiva a diferença no peso que cada país exerce sobre a economia global, refletindo não apenas suas estratégias de inserção internacional, mas também o grau de integração às cadeias produtivas mundiais.

O gráfico 7 aborda a taxa de crescimento da exportação dos Tigres Asiáticos e do Brasil, os quais demonstram sua participação e relevância no mercado internacional. Tal avaliação permite compreender um panorama amplo da participação individual através dos anos e suas tendências de crescimento.

Gráfico 4 - Crescimento da Exportação (1999-2024) (%)



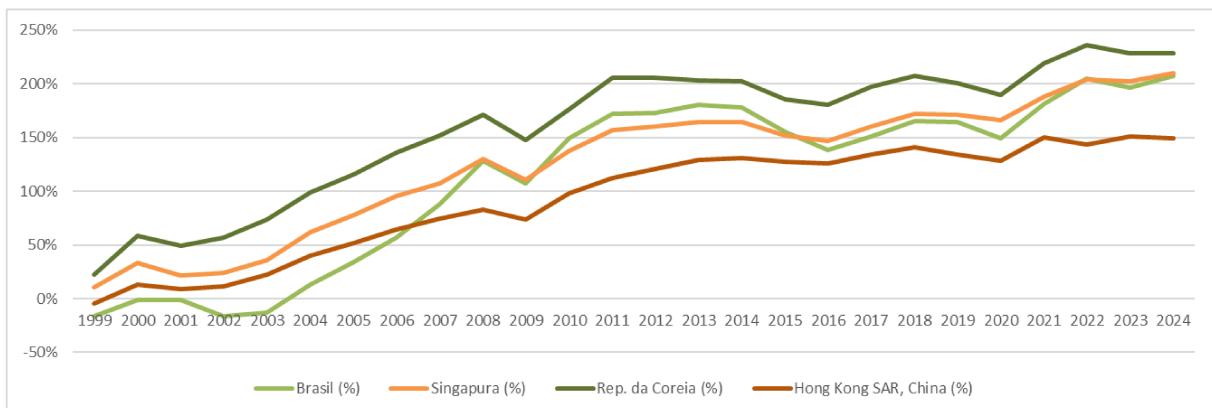
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Banco Mundial, 2025.

A partir da análise do crescimento da exportação, é possível notar as variações do mercado econômico global a partir de pontos chaves, como a crise financeira de 2008. Outra variação de grande impacto para a economia global foi durante a pandemia de COVID-19, as quais apresentaram redução na atividade do comércio internacional, para novamente, em seguida os fluxos de comércio internacional crescerem.

Observa-se, ainda, que o Brasil mantém taxas de crescimento de exportações superiores às registradas pelos Tigres Asiáticos, seguido por Singapura, Hong Kong e, por último, a Coreia do Sul. Contudo, esse desempenho quantitativo não se traduz em maior competitividade, uma vez que a pauta exportadora brasileira concentra-se, em grande medida,

em produtos de baixo valor agregado. Dessa forma, torna-se necessário exportar volumes significativamente superiores para alcançar valores equivalentes aos obtidos por países cuja produção está associada a bens de maior complexidade tecnológica. Tal cenário evidencia uma limitação estrutural que restringe o avanço do crescimento econômico nacional.

Gráfico 5 - Crescimento da importação (1999-2024)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Banco Mundial, 2025.

A importação dos referidos países apresenta a Coreia do Sul como a maior importadora, seguido de Singapura, Brasil, e por fim, Hong Kong. Ademais, é possível observar que o Brasil saiu de uma crise no ano de 2001, para em sequência aumentar a quantidade de importações. No ano de 2008, em decorrência da crise houve uma redução de todos os países em suas importações para que em seguida aumentassem, o mesmo processo ocorreu durante a pandemia da SARS-COV 2.

Portanto, na presente seção foram destacados os dados referentes aos indicadores de crescimento econômico dos Tigres Asiáticos e do Brasil. A partir dos dados aferidos, fica evidente que o distanciamento dos Tigres ao Brasil ocorreu em 1978, quando todos os países estavam com um crescimento conjunto até que o Brasil não mais acompanhava o ritmo de crescimento dos Tigres, como foi apresentado no gráfico 4. Por fim, os gráficos 7 e 8 mostram a relação da exportação e importação, a qual será abordada de forma mais precisa no seguinte capítulo. Na seguinte seção, será abordado sobre a diversidade de produtos encontrados em cada uma das economias analisadas para compreender melhor a pauta explicada por Gala (2017), a qual discute a diversificação da pauta exportadora e suas consequências.

5. ANÁLISE ECONÔMICA SETORIAL

Nesta seção, será analisado de maneira empírica os conceitos apresentados por Gala (2017), o qual afirma que caso um país tenha a diversidade de produtos encontrados em sua pauta exportadora, além de que esse seja capaz de produzir bens complexos, tem a indicação de um país com sofisticado tecido produtivo. Já na outra extremidade, tem-se um país com uma pauta muito diversificada e com bens ubíquos sem a presença de grande complexidade econômica, pode ser considerado um país não complexo.

Nesse sentido, a indústria é considerada o setor mais dinâmico da economia, capaz de promover inovação, produtividade e ganhos de escala que dificilmente podem ser reproduzidos pela agricultura ou pelos serviços. De acordo com Gala (2021), os países que alcançam alto nível de desenvolvimento são aqueles que conseguiram diversificar e sofisticar suas bases industriais, destacando que a indústria atua como motor fundamental da transformação estrutural.

A literatura heterodoxa também ressalta a importância da indústria para superar armadilhas de subdesenvolvimento, uma vez que sua expansão possibilita maior inserção no comércio internacional e reduz a vulnerabilidade externa. Thirlwall (2002), ao discutir sua conhecida “lei de Thirlwall”, mostra como a restrição externa ao crescimento pode ser mitigada pela capacidade de um país em exportar bens industriais de maior valor agregado, evitando a dependência de produtos primários de baixo dinamismo. Assim, a política industrial, frequentemente marginalizada em abordagens ortodoxas, torna-se elemento estratégico para a promoção do crescimento sustentado, já que favorece o aumento da complexidade produtiva, da renda per capita e da competitividade internacional.

Ainda seguindo as linhas da teoria econômica, Kaldor (1967), afirma que a indústria ocupa papel central no desenvolvimento econômico, sobretudo pela sua capacidade de gerar efeitos multiplicadores sobre os demais setores da economia. Diferentemente de uma visão ortodoxa, que privilegia a eficiência alocativa e a livre atuação do mercado, a perspectiva heterodoxa enfatiza a relevância da estrutura produtiva e da complexidade tecnológica como determinantes do crescimento de longo prazo (Bresser-Pereira; Jabbour e De Paula, 2020).

Ainda se torna importante definir por meio de uma abordagem setorial as atividades de rendimento crescente, associados à indústria, e as atividades com rendimentos decrescentes,

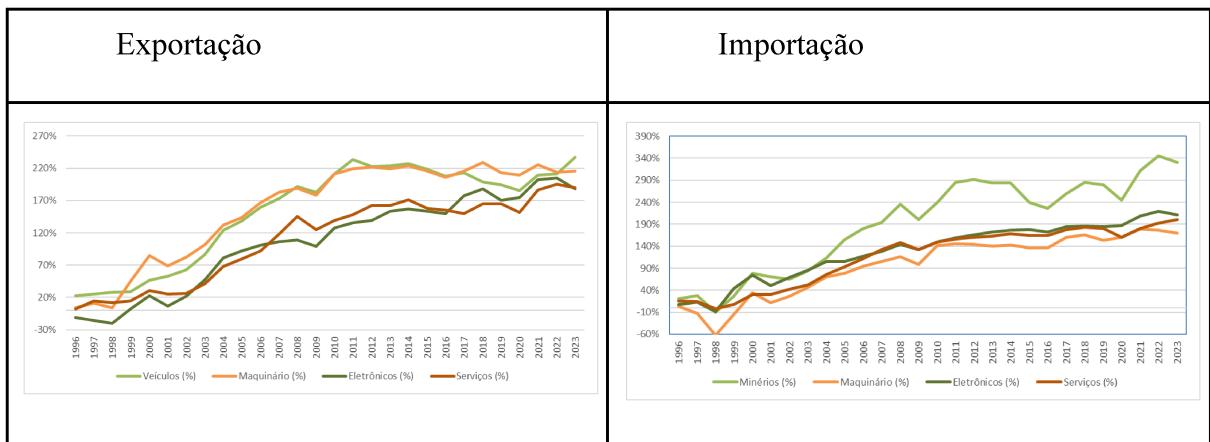
que correspondem à agricultura e mineração, para que de acordo com o economista Nicholas Kaldor seja possível entender o processo de crescimento e desenvolvimento.

Partindo desse pressuposto, os gráficos a seguir apresentam uma comparação entre exportação e importação, assim como a composição dos principais bens comercializados em relação a Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura e Brasil, no período de 1996 a 2023. Essa avaliação permite observar diferenças estruturais e estratégicas em suas pautas externas.

5.1 Participação econômica da Coreia do Sul

O gráfico 9 traz a comparação entre a exportação e a importação referente aos anos de 1996 a 2023 com o recorte da característica dos quatro bens de consumo mais exportados e importados pela Coreia do Sul. Tal situação permite avaliar o desempenho de cada setor individualmente, em conjunto com as implicações que elas podem ter na economia sul coreana.

Gráfico 6 - Participação do mercado global da Coreia do Sul, 1996-2023 (%)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Atlas da complexidade econômica, 2025.

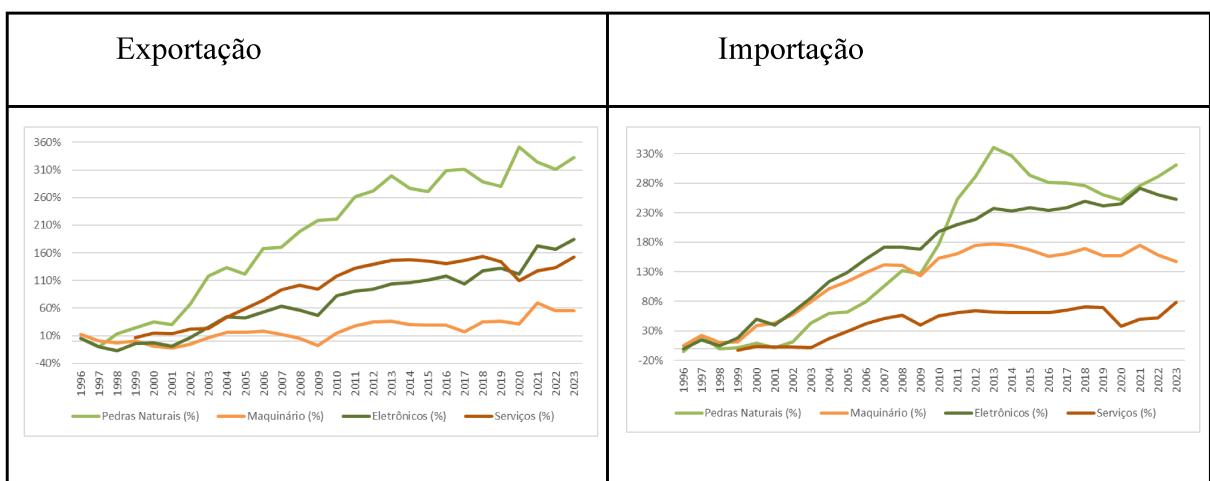
Destaca-se a partir da análise dos gráficos, a predominância na exportação sul coreana de veículos e maquinários, seguidos do crescimento exponencial do setor eletrônico. Tal característica retoma a adoção do Heavy and Chemical Industry Drive (HCI) adotada ainda na década de 1970. Essa política industrial teve como objetivo, acelerar o desenvolvimento de seis setores estratégicos: aço, metais não ferrosos, construção naval, maquinário, eletrônicos e petroquímicos (Bueno, 2025). Diante do exposto, nota-se que o alicerce do que foi apresentado a partir dos dados é resultado de uma política adotada nos anos de 1970, o qual resultou em uma balança comercial positiva para a Coreia do Sul.

Já a importação destaca-se a presença dos minérios, os quais estes usam para a produção dos manufaturados de alto valor na economia internacional. Além disso, é observado que a quantidade de eletrônicos importados não supera o valor exportado.

5.2 Participação econômica de Hong Kong

O gráfico 10 reúne os dados referentes aos quatro produtos mais exportados e importados entre os anos de 1996 até 2023. Por intermédio desta disposição de dados, busca-se identificar o comportamento de sua pauta comercial ao longo do tempo para ampliar o entendimento de sua dinâmica econômica.

Gráfico 7 - Participação do mercado global de Hong Kong, 1996-2023 (%)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Atlas da complexidade econômica, 2025.

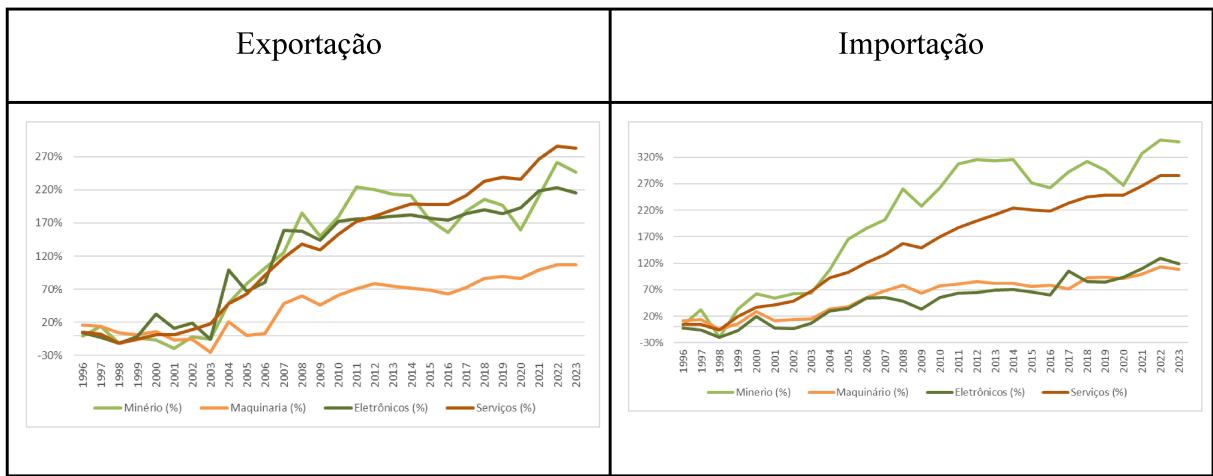
No que diz respeito a Hong Kong, observa-se um cenário diferente do esperado, com grande parte de suas exportações focadas em pedras naturais. Isso diz respeito à produção de joias. De acordo com Woo (2025), Hong Kong é líder na produção de itens de ouro puro e há muito tempo é reconhecida como um importante centro de produção de jóias de jade. Além disso, é também um importante centro de comércio e distribuição de pérolas.

No que abrange o setor de serviços, é importante destacar que Hong Kong é um pólo financeiro, ou seja, a cidade-Estado impulsiona o desenvolvimento econômico da região através da captação de recursos e geração de emprego. Além disso, no âmbito das importações, as pedras naturais também se destacam, entretanto, essas podem ser interpretadas como a importação de bens com baixo valor agregado.

5.3 Participação econômica de Singapura

O gráfico 11 traz a comparação entre a exportação e a importação referente aos anos de 1996 a 2023 com o recorte da característica dos quatro bens de consumo mais exportados e importados por Singapura. Tal situação permite avaliar o desempenho de cada setor individualmente, em conjunto com as implicações que elas podem ter na economia de Singapura.

Gráfico 8 - Participação do mercado global de Singapura, 1996-2023 (%)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Atlas da complexidade econômica, 2025.

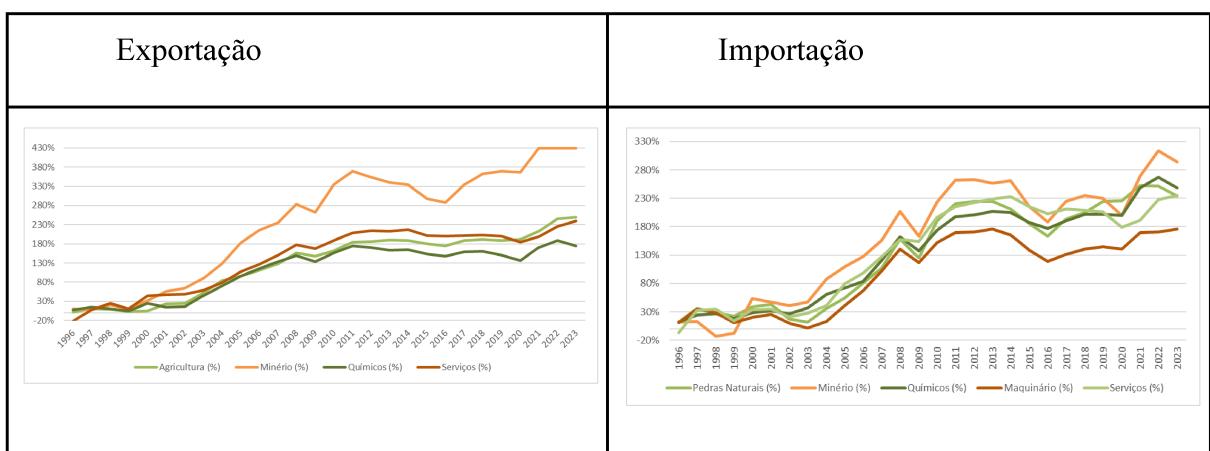
Assim como Hong Kong, Singapura possui um mercado focado no setor financeiro, o que faz deste um grande exportador de serviços, como é indicado no gráfico. Outros pontos a serem destacados quanto às características da exportação da pequena cidade-estado são os minérios e os eletrônicos. Em relação aos valores atribuídos a exportação de minérios, que parecem ser altos para uma cidade-Estado como Singapura, esse fato é justificado por conta da presença das principais empresas de mineração e comercialização de recursos naturais usarem Singapura como um centro comercial de mineração para atender aos importantes mercados consumidores e produtores da Ásia (KPMG, 2014). Enquanto os eletrônicos dizem respeito às políticas de agregação de valor e tecnologia.

Já no que diz respeito às importações, o minério novamente se faz evidente com valores muito acima do referente às exportações. Além disso, há a presença do setor referente aos serviços, seguido dos eletrônicos, cujos valores estão bem abaixo dos da exportação, e por fim, a importação de maquinários, ressaltando mais uma vez o foco econômico do país como um polo financeiro sem fortes características industriais.

5.4 Participação econômica do Brasil

O gráfico do Brasil apresenta informações sobre as exportações dos quatro produtos mais exportados e cinco principais produtos mais importados pelo país no período de 1996 até o ano de 2023. O motivo pelo qual foram escolhidos os cinco produtos mais importados ao invés de somente quatro como nos anteriores é devido a proximidade nos valores referentes aos serviços e pedras naturais. Portanto, a análise desses gráficos permite observar a evolução de sua participação no comércio internacional.

Gráfico 9 - Participação do mercado global do Brasil, 1996-2023 (%)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Atlas da complexidade econômica, 2025.

O Brasil foi o único país cuja participação da agricultura tem valores significativos na exportação para ser destacado na apresentação do gráfico. Além deste, destaca-se os minérios e a presença da exportação de químicos como pesticidas, o qual neste contexto possui relação com a agricultura. Em relação às importações, nota-se inicialmente porcentagem inferiores em relação à exportação. Além disso, os minérios, produtos químicos e pedras naturais ainda se apresentam como os principais produtos importados, ou seja, a economia brasileira é focada na produção de *commodities* e não em produtos de alta complexidade econômica, como são nos Tigres Asiáticos.

Ao fundamentar os dados com a obra de Gala (2017), esses ressaltam que durante a década de 1990, iniciou-se a abertura da economia brasileira, o controle da inflação, a privatização, melhorias fiscais e novos marcos regulatórios que buscavam preparar o país para um novo ciclo de crescimento. Assim, destaca-se o lento crescimento do período, e subsequente crescimento na década de 2000, no entanto, os mercados que se destacaram foram o da construção civil e o boom das commodities, fomentado pelos empresários brasileiros (Gala, 2017. pg, 100). Ilustra-se ainda que, a partir da crise de 2008 a indústria

nacional sucumbiu à concorrência internacional, de modo que a expansão do PIB após 2008 foi baseada em serviços não sofisticados e na construção civil (Gala, 2017).

Portanto, após análise dos gráficos relativos à participação do mercado global no contexto de exportações e importações dos Tigres Asiáticos e do Brasil, foi possível concluir que o Brasil mantém uma indústria de baixa complexidade e baixo valor agregado, sendo o ideal a agregação de valor aos produtos exportados e a diversificação das atividades produtivas. Dentro desse conceito, pode ser afirmado que a diversificação da atividade produtiva vem a ser melhor que a sua concentração.

Outro ponto destacado é a importação de maquinário. Esse pode ser um indicador do nível de qualificação do trabalhador, pois isso reflete o investimento realizado pelo país no capital humano. Desse modo, considerando a extensão territorial do país e analisando os valores dispostos nos gráficos, percebe-se que proporcionalmente, os Tigres possuem uma porcentagem muito maior de importação desses equipamentos, provando mais uma vez que a economia brasileira é fortemente baseada em *commodities* com baixo valor agregado. Portanto, o Brasil investiu na produção de *commodities* e, por consequência, importou tecnologia, enquanto os Tigres avançaram na produção e exportação de produtos industrializados e serviços modernos, situação que torna a balança econômica mais favorável aos países asiáticos.

6. CONCLUSÃO

Do exposto, o objetivo do trabalho foi mostrar como os países do Leste Asiático passaram de economias agrárias para líderes globais em diversos setores em poucas décadas, tornando-se importantes atores globais. Diante disso, foi possível notar que os Tigres Asiáticos sofreram ampla influência estatal dentro das políticas de crescimento econômico, com o investimento governamental focado em áreas estratégicas de infraestrutura, logística, incentivos à educação e capacitação, fortalecimento das relações com os mercados globais e a promoção e inovação tecnológica.

No que diz respeito ao novo-desenvolvimentismo, observa-se que a apreciação cambial e a dependência de produtos de baixo valor agregado inibiram o investimento de longo prazo no setor industrial brasileiro, reforçando o processo de desindustrialização precoce. Já sob a ótica neo-schumpeteriana, a ausência de uma política contínua de inovação e difusão tecnológica dificultou a geração de capacidades dinâmicas que pudessem sustentar

ganhos de produtividade, ao contrário do observado nos países asiáticos, que estruturaram suas economias em torno do aprendizado tecnológico e da inserção competitiva no comércio internacional. Assim, a experiência dos Tigres Asiáticos demonstra que a combinação entre câmbio competitivo, política industrial ativa e estímulo à inovação é fundamental para romper a restrição externa e alcançar crescimento sustentado, lição ainda essencial para a economia brasileira.

Quando relacionado esses países com a performance do Brasil, é evidenciado que o incorreu em uma diminuição da sua capacidade produtiva, incorrendo em baixo investimento em áreas que poderiam agregar maior valor aos bens produzidos internamente. Portanto, o Brasil permaneceu excessivamente dependente de *commodities*, vulnerável às oscilações do mercado internacional e limitado em sua capacidade de gerar crescimento sustentado, afastando-se de uma estratégia de industrialização e da produção de bens com alto valor agregado. Além disso, vale destacar que o Brasil também negligenciou os investimentos em capital humano, desenvolvimento humano e não tem prioridade em relação ao investimento em P&D, sendo esses indicadores primordiais na qualificação dos trabalhadores e maior produtividade por indivíduo.

Nesse ponto, os Tigres destacaram-se por investir em educação e inovação, enquanto o Brasil avançou de forma insuficiente em capital humano. Em referência a isso é importante abordar que quanto mais um país é capaz de produzir por trabalhador, mais desenvolvido ele se torna, e essa métrica explica parte da distância que se consolidou entre os Tigres e o Brasil. Em síntese, a combinação de políticas consistentes, diversificação da economia e foco no capital humano garantiu aos Tigres Asiáticos uma rápida ascensão econômica, em contraste com a falta de continuidade das políticas econômicas aplicadas e a dependência das exportações primárias mantiveram o Brasil em um patamar de crescimento limitado no decorrer desse mesmo período.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Alexandre. **Coreia do Sul e Taiwan: Uma história comparada do pós-guerra.** 2017. Niterói. Disponível em:
https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/88136955/Coreia_do_Sul_e_Taiwan-libre.pdf?1656626224=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCoreia_do_Sul_e_Taiwan_Uma_historia_comp.pdf&Expires=1751836682&Signature=cMTSI~h0INQplOifqPl0DSes8qx7pJ5OYx1rzVHyXPeUri5dJHCcHgrcuecxGB7KdKzulPwfxHzo17GY4A3JM0vnNb7IuICW4t291TMDLRyaCvY0jlv~yBwZU4SK~CzCPP8NN-QwBlmgMlvcFxU~Wlgz4iWx6Ydlhrve6B3gt48fDuPVZ7LNW6rqCqoaWuBl7LHD-Gmt7efXLeVDErITa7FuA8kW2hZqI3oxSQtw-

BDFz79uEq6fQW8GZQDYX6apar0coCRCGrrMqn56ZfCRDFZFCG7T5V8Mwy9Jzrg~-wm
 BJBQNY6ra2z6TJIsIpRWwPKE1T9~2lw9fXJhDyWW-g__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5G
 GSLRBV4ZA. Acesso em: 19 jul. 2025

AMSDEN, Alice H. *The Rise of “The Rest”: Challenges to the West from Late-Industrializing Economies*. 2001.

AMSDEN, A. **Asia's next giant. South Korea and late industrialization.** New York: Oxford University Press, 1989.

ARRIGHI, G; IKEDA, S.; IRWAN, A. The rise of east asia: one miracle or many? In: PALAT, R. A. (Org.). **Pacif-Asia and the Future of the World-System**. Westport: Greenwood Press, 1993, p. 41-65.

ARRIGHI, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimento**. Petrópolis, Vozes, 1997.

BANCO MUNDIAL. **Por causa da pandemia, Brasil perdeu o equivalente a 10 anos de progresso no Índice de Capital Humano**. 2022. Disponível em:
<https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2022/07/04/brasil-perdeu-equivalente-10-anos-de-progresso-indice-capital-humano-pandemia>

BRESSER-PEREIRA, L. O conceito histórico de desenvolvimento econômico. **FGV sistema de bibliotecas**, 2008. Disponível em:
<https://repositorio.fgv.br/items/2a478201-dc81-42d8-9edb-dee64e5d81c6/full>. Acesso em: 30 set. 2025.

BRESSER-PEREIRA, L; JABBOUR, E; DE PAULA, L. Coreia do Sul, China e o processo de catching-up: uma análise novo-desenvolvimentista. **Revista Princípios**, N° 159. 2020. Disponível em: <https://revistaprincipios.emnuvens.com.br/principios/article/view/25/17>. Acesso em: 30 set. 2025.

BROWN, Kerry. **Hong Kong in the Global Economy: How the Special Administrative Region Rises to the Challenges Posed by China**. 2010. Disponível em:
https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/public/Research/Asia/1010pp_hk.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

BUENO, G. Política Industrial e Desenvolvimento da Coreia do Sul: Um Modelo de Transformação Produtiva e Inovadora. **Relações Exteriores**, 2025. Disponível em:
<https://relacoesexteriores.com.br/politica-industrial-e-desenvolvimento-da-coreia-do-sul-um-modelo-de-transformacao-produtiva-e-inovadora/#1-a-base-do-milagre-coreano-a-politica-industrial-dirigida>. Acesso em: 28 ago. 2025.

CAMARANO, A; KANSO, S. Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados. **Ipea**, 2009. Disponível em:
<https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/6dea8514-5d2d-4c25-bb39-f05288eeefc0/content>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CAMILO, V. **CRESCIMENTO ECONÔMICO E DISTRIBUIÇÃO PESSOAL DE RENDA: um estudo exploratório sobre bidirecionalidade causal**. PUC-SP. 2011.

Disponível em:
https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/eitt/ix_ciclo2011_artigo_vladimir_sipriano_camillo.pdf. Acesso em: 30 set. 2025.

- CARNEY, R; ZHENG, Y. Institutional (Dis)Incentives to Innovate: An Explanation for Singapore's Innovation Gap. **Journal of East Asian Studies**. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/256037537_Institutional_DisIncentives_to_Innovate_An_Explanation_for_Singapore%27s_Innovation_Gap. Acesso em: 20 ago. 2025.
- CARVALHO, J. **Crescimento populacional e estrutura demográfica no Brasil**. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1741.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- CHANG, Ha-Joon. **23 Things They Don't Tell You About Capitalism**. London: Penguin Books, 2010.
- CHANG, Ha-Joon. **Chutando a escada. A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica**. São Paulo: Unesp, 2004, 266 p.
- CHANG, Ha-Joon. **Países ricos estão "chutando a escada" pela qual subiram, acredita economista**. [Entrevista concedida a] André Deak e Daniel Merli. Agência Brasil. 15/04/2006. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2006-04-15/paises-ricos-estao-chutando-esca-da-pela-qual-subiram-acredita-economista>. Acesso em: 09 jul. 2025
- <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/3D4369ACBC0E9062F2FB9462D8961763/S0305741022001333a.pdf/one-china-contention-in-china-taiwan-relations-law-politics-and-identity.pdf>
- CHEN, Pochih. **Lessons from Taiwan's Economic Development**. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0030438716300400>. Acesso em 14 jul. 2025
- CHIU Ting Yuk. **Changes in Hong Kong's Economic Structure by the New Crown Epidemic and Its Development Trend**. 2023. Published by Canadian Center of Science and Education. Disponível em: <https://doi.org/10.5539/ibr.v16n3p52>
- COE, T; KIM, S. Korean Crises and Recovery. **International Monetary Fund**. Seoul, 2002. Disponível em: https://www.imf.org/external/pubs/nft/seminar/2002/korean/?utm_source. Acesso em: 20 ago. 2025.
- COELHO, F; OLIVEIRA, A. **O efeito do comércio exterior no desenvolvimento econômico dos Tigres Asiáticos**. 2022. Disponível em: <https://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php/gestaoenegocios/article/view/1340/1153#>. Acesso em: 09 jul. 2025
- CONNELL, S. Building a creative economy in south Korea: analyzing the plans and possibilities for new economic growth. In: **KOREA ECONOMIC INSTITUTE**. On Korea 2014: Academic Paper Series, KEI Editorial Board, 2014, v.7.
- DANTAS, Yuri. **POLÍTICA INDUSTRIAL NA COREIA DO SUL NO SÉCULO XXI**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35510/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20-%20YURI%20DANTAS%20-%20VERS%C3%83O%20FINAL.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2025.
- FAGANELLO, A. **ASCENSÃO SUL-COREANA: DA SUPERAÇÃO DA RENDA MÉDIA À POTÊNCIA TECNOLÓGICA**. 2023. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/265940/001185689.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 jul. 2025.

FERREIRA, I. Em 2023, taxa de inovação da Indústria cai pelo segundo ano consecutivo.

Agência IBGE Notícias. 2025. Disponível em:

[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42929-em-2023-taxa-de-inovacao-da-industria-cai-pelo-segundo-ano-consecutivo#:~:text=Os%20gastos%20com%20P%26D%20em,R%245%2C2%20bilh%C3%B5es\).](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42929-em-2023-taxa-de-inovacao-da-industria-cai-pelo-segundo-ano-consecutivo#:~:text=Os%20gastos%20com%20P%26D%20em,R%245%2C2%20bilh%C3%B5es).) Acesso em: 20 ago. 2025.

FMI. Hong Kong, China: Growth, Structural Change and Economic Stability During the Transition. 2025. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/nft/op152/chap1.htm>.

Acesso em: 21 jul. 2025

GALA, Paulo. **Complexidade Econômica: Uma Nova Perspectiva para Entender a Antiga Questão da Riqueza das Nações.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

GOMES. O papel do Estado no processo de desenvolvimento tardio: análise do caso de Singapura. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/ab542d42-624e-49ab-9791-6a259dbc6c2b> Acesso em: 09 jul. 2025.

GONCHAR, O. ALEKSEIEVSKA. H. Singapore's Economic Development in the 21st Century. 2025. Diponível em:

https://www.researchgate.net/publication/361609563_SINGAPORE'S_ECONOMIC_DEVELOPMENT_IN_THE_21ST_CENTURY. Acesso em: 22 jul. 2025

GROWTH LAB. The Atlas of Economic Complexity. 2025. Disponível em: <https://atlas.hks.harvard.edu/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

HEW, D. Singapore as a regional financial centre. In: HEW, D.; VANDENBRINK, D. Capital Markets in Asia: Changing Roles for Economic Development. Singapore: Institute of Southeast Asian Studies, 2005.

HODJERA, Z. The Asian currency market: Singapore as a regional financial center. Staff Papers, v. 25, n. 2, p. 221-253, 1978.

HUDSON, C. Singapore Immigration and Changing Public Policies. **Education About Asia**, Volume 22:3 (Winter 2017): Demographics, Social Policy, and Asia, Part I, 2017. Disponível em:

INNOVATION, TECHNOLOGY AND INDUSTRY BUREAU (ITIB). Speech by S for IT at Internet of Things Conference of APAC Innovation Summit 2016 Series. 2016. Disponível em:

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (IEDI). Carta IEDI. Edição 450. 2011. Disponível em: https://www.iedi.org.br/cartas/carta_iedi_n_450_investimentos_em_ciencia_tecnologia_e_inovacao_na_ocde_e_no_brics.html. Acesso em: 20 ago. 2025.

ISWARAN S. Speech by MR S Iswaran, minister, prime minister's office & second minister for home affairs & second minister for trade & industry, at Singapore Institute of Manufacturing technology 20th anniversary gala dinner, 10 july 2013, 7:15 PM at the

fullerton hotel. **National Archives of Singapore.** Singapore, 2013. Disponível em: https://www.nas.gov.sg/archivesonline/data/pdfdoc/20130717002.htm?utm_source. Acesso em: 20 ago. 2025.

KAR, P. South Korea, the Economic Phoenix : Rising strong from ashes of the 2008 financial crisis. **Oh My Econ**, 2025. Disponível em:

KIM, Kwan S. **The Korean Miracle (1962-1980) Revisited: Myths and Realities in Strategy and Development.** (Working Paper). University of Notre Dame : Kellogg Institute, 1991. Disponível em: www.kellogg.nd.edu/publications/workingpapers/WPS/166.pdf Acesso em: 14 jun. 2025.

KIM, Linsu. **Da Imitação à Inovação. A Dinâmica do Aprendizado Tecnológico da Coréia.** Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

KPMG. Going for Gold, and other minerals. Singapore's request to become Asia's leading commercial mining hub. **KPMG International Cooperative**, 2014. Disponível em: <https://assets.kpmg.com/content/dam/kpmg/pdf/2014/06/going-for-gold-and-other-minerals-v2.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.

KUO, Simon. **Press center - progress in importation of US equipment dispels doubts on SMIC's capacity expansion for mature nodes for now, says TrendForce.** Trendforce, 2021. Disponível em: <https://www.trendforce.com/presscenter/news/20210305-10693.html>. Acesso em: 30 out. 2024.

LAU, Lawrence. **The Long-Term Economic Growth of Taiwan.** 2012. Disponível em: https://www.igef.cuhk.edu.hk/igef_media/working-paper/IGEF/igef_working_paper_no13_eng.pdf. Acesso em: 19 jul. 2025

LIMA, U. **Desenvolvimento capitalista e inserção externa na Coreia do Sul: a economia política da diversificação industrial e do comércio exterior de bens de capital (1974-1989).** 2013. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/905682>. Acesso em: 14 jun. 2025.

LIN, Y. F., Shen, Y., & Sun, A. (2020). **Research on the status quo, effect and prospect of consumer voucher issuance in my country.** China Economic Report, 4, 21-33.

MENON, Sudha. Singapore Economy: An overview. **Research Gate**, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/24114067_Singapore_economyAn_overview. Acesso em: 20 jul. 2025

MEYER, David. Structural Changes in the Economy of Hong Kong since 1997. **China Review**, 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23462259>

MOURA, C; XAVIER, M; SILVA, A. **As fontes de crescimento econômico e uma análise empírica da economia da Coreia do Sul.** 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7427>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MOURA, Rafael. **A Economia Política da Estratégia industrial no Leste-Asiático: Relação Estado-empresariado, desenvolvimento e emparelhamento tecnológico nos casos de Taiwan, Coreia do Sul e China.** Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/18192/2/Tese%20-%20Rafael%20Shoenmann%20de%20Moura%20-%20202021%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2025

MURILLO, D; SUNG, Y. Understanding Korean capitalism: Chaebols and their corporate governance. **ESADEgeo Center for Global Economy and Geopolitics Position Paper**, v. 33, 2013.

NATIONAL ARCHIVES OF SINGAPORE (NAS). **Budget 2008**. Disponível em: <https://www.nas.gov.sg/archivesonline/data/pdfdoc/20080215975.htm>. Acesso em: 20 ago. 2025.

NEGRI, F; *et al.* Redução drástica na inovação e no investimento em P&D no Brasil: o que dizem os indicadores da pesquisa de inovação 2017. **Ipea**, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/ef599577-bcbb-429e-a162-d95f7636fbf2/content>. Acesso em: 20 ago. 2025.

OLIVEIRA, Amaury. **Coreia do Sul e Taiwan enfrentam o desafio da industrialização tardia**. 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/9fNcTrFBn3zQ6Y7RJw6CNRM/?lang=pt>. Acesso em: 19 jul. 2025

PARK, Y. **A Modern Korean Economy: 1948-2008**. Korea: The Academy of Korean Studies, 2018.

SAW, S. The Population of Singapore (Third Edition). **Institute of Southeast Asian Studies (ISEAS)**. Singapore, 2012. Disponível em:

SCHELLEKENS, P; ZHU, L e GASPER, R. Is human development progress stagnating in Asia-Pacific? The response in three graphics. **Human Development Report**. Bangkok, 2025. Disponível em:

SETOR DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO (SETEC). **Mapeamentos de ambientes promotores de inovação no exterior: Coreia do Sul**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mrept-br/pt-br/assuntos/ciencia-tecnologia-e-inovacao/MapeamentoSeulFevereiro2023.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SHEN, J; DAI, E. **Population Growth, Fertility Decline and Ageing in Hong Kong: The Perceived and Real Demographic Effect of Migration**. Occasional Paper No. 14. Hong Kong, 2006. Disponível em: <https://www.grm.cuhk.edu.hk/~jfshen/download/P86Y2006.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SILVA, FILHO, TIZZO. **O papel do Estado no desenvolvimento econômico: Uma análise histórica**. 2023. Disponível em: <https://revistacaribena.com/ojs/index.php/rccs/article/view/3007/2279>. Acesso em: 09 jul. 2025.

SOUZA, P; *et al.* OS EFEITOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA SOBRE A POBREZA E A DESIGUALDADE: UM BALANÇO DOS PRIMEIROS QUINZE ANOS. **Ipea**, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/a31df396-e94c-4a2e-83e1-3e8881e21797/content>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SOUZA, J. O que é IDH. Ipea, 2008. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?id=2144:catid=28&option=com_content. Acesso em: 26 ago. 2025.

THE DONG-A ILBO. Korea should keep ahead of China in materials and parts industry, 2005. Disponível em: <https://www.donga.com/en/article/all/20050509/241240/1/Editorial-Korea-Should-Keep-Ahead-of-China-in-Materials-and-PartsIndustry>. Acesso em: 21 jul. 2025

THE GOVERNMENT OF HONG KONG SPECIAL ADMINISTRATIVE REGION. The 2008-09 Budget. 2007. Disponível em: <https://www.budget.gov.hk/2008/eng/budget42.html>. Acesso em: 20 ago. 2025.

THE KOREA HERALD. 100 days in office, President Moon sets tone for tough reforms. Seoul: **The Korea Herald**, 2017. Disponível em: http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20170814000176&ACE_SEARCH=1. Acesso em: 14 jul. 2025

THIRLWALL. Anthony. **A Natureza do Crescimento Econômico:** Um Referencial Alternativo para Compreender o Desempenho das Nações. United Kingdom: IPEA ,2005.

THURBON, E. Developmental mindset: the revival of financial activism in south Korea. London: Cornell University Press, 2016.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. Human Development Index (HDI). **Human Development Reports.** 2025. Disponível em:

VOGEL, Ezra F. The Four Little Dragons: The Spread of Industrialization in East Asia. United States of America, 1991.

WONG, T. The transition from physical infrastructure to infostructure: infrastructure as a modernizing agent in Singapore. GeoJournal, 49(3), p. 279-288. 1999.

WOO, S. Jewellery Industry in Hong Kong. **HKTDC Research**, 2025. Disponível em: <https://research.hktdc.com/en/article/MzEzOTU0Nzcx>. Acesso em: 20 ago. 2025.

XIE, Jerry. The Impact of Globalization on Hong Kong's Economic Development: Challenges and Opportunities. 2025. Disponível em: https://doi.org/10.2991/978-94-6463-652-9_4. Acesso em: 19 jul. 2025.

YOO, J. Korean economy grew 0.4% in the first quarter of 2016. **Korean RE Bulletin.** Seoul, 2016. Disponível em:https://www.koreanre.co.kr/webzine/blentin_152/econ.html? Acesso em: 20 ago. 2025.